



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
MESTRADO EM DESENHO, CULTURA E INTERATIVIDADE**

KAITY ANNE PEREIRA FERREIRA

**O FRONTISPÍCIO DA IGREJA DA ORDEM PRIMEIRA DO CARMO
DE CACHOEIRA: UMA ANÁLISE ICONOGRÁFICA**

**FEIRA DE
SANTANA 2023**

KAITY ANNE PEREIRA FERREIRA

**O FRONTISPÍCIO DA IGREJA DA ORDEM PRIMEIRA DO CARMO
DE CACHOEIRA: UMA ANÁLISE ICONOGRÁFICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade da Universidade Estadual de Feira de Santana, Área de concentração: Desenho e Cultura, e Linha de Pesquisa: Linguagens Visuais – Memória e Cultura, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Desenho, Cultura e Interatividade.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Wilson Silva de Souza.

Ficha catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteado -UEFS

Ferreira, Kaity Anne Pereira

F441d O frontispício da Igreja da Ordem Primeira do Carmo de Cachoeira : uma análise iconográfica / Kaity Anne Pereira Ferreira. - 2023.
101f.: il.

Orientador: Antônio Wilson Silva de Souza

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Feira de Santana.
Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade, 2023.

1. Igreja. 2. Igreja da Ordem Primeira do Carmo – Cachoeira, Ba. 3. Religião. 4. Símbolos. 5. Iconografia. I. Souza, Antônio Wilson Silva de, orient. II. Universidade Estadual de Feira de Santana. III. Título.

CDU: 264-031

KAITY ANNE PEREIRA FERREIRA

**O FRONTISPÍCIO DA IGREJA DA ORDEM PRIMEIRA DO CARMO
DE CACHOEIRA: UMA ANÁLISE ICONOGRÁFICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade da Universidade Estadual de Feira de Santana, Área de concentração: Desenho e Cultura, e Linha de Pesquisa: Linguagens Visuais – Memória e Cultura, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Desenho, Cultura e Interatividade.

Aprovada em: 31 de março de 2023.

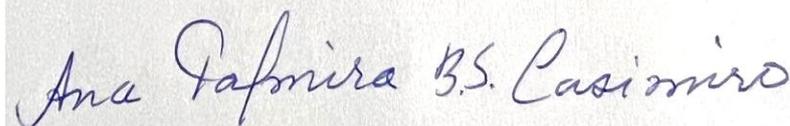
BANCA EXAMINADORA:



Orientador: PROF. DR. ANTÔNIO WILSON SILVA DE SOUZA (UEFS)



Examinadora: PROF^a DR^a CAMILA FERNANDA GUIMARÃES SANTIAGO (UFRB)



Examinadora: PROF^a DR^a ANA PALMIRA BITTENCOURT S. CASIMIRO (UESB)

AGRADECIMENTOS

A Cachoeira.

“Que darei eu ao Senhor por todos os benefícios que tem me feito?”
(Sl. 116, 12).

Agradeço a Deus e a Nossa Senhora do Carmo, por terem me sustentado ao longo desta escrita. Obrigada!

Sou grata à minha família, que sempre acreditou no meu processo e me fortificou no decorrer desta trajetória, e a todos que, de alguma maneira, colaboraram para a elaboração deste estudo, em especial, as instituições carmelitas Ordem Primeira do Carmo e Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira; a biblioteca da UFRB; e a Anderson, Prior da Ordem Terceira do Carmo. Ao PPGDCI, agradeço pelo acolhimento da pesquisa, e ao meu Orientador, Prof. Dr.

Antonio Wilson, pela oportunidade concebida de compartilhar seus ensinamentos: sem ele, certamente, esta dissertação não se estruturaria e nem findaria.

Aos meus professores do PPGDCI, em especial Lilian Quelly e Carla Borges, cujos ensinamentos e escutas me passaram a segurança necessária, mostrando que eu me encontrava no caminho correto. À professora Camila Santiago, por dedicar seu tempo e fazer pontuações significativas a este estudo.

À professora Ana Palmira Cassimiro, pela gentileza de ofertar livros de seu acervo pessoal a este estudo. Sou feliz pelo destino ter cruzado nossos caminhos.

E aos meus amigos, que acompanharam todo o processo nesta marcha pelo conhecimento. Muito obrigada pelo apoio!

Sem mais, agradeço por ser Cachoeirana, por fazer parte de todo este processo histórico artístico e cultural. Obrigada, Cachoeira, por me proporcionar este estudo, pela partilha e difusão do conhecimento sobre a Heroica Monumento Nacional.

RESUMO

A presente dissertação tem como objeto o Frontispício da Igreja da Ordem Primeira do Carmo em Cachoeira, sobre o qual foi feita uma análise iconográfica. A pergunta norteadora da pesquisa foi: de que maneira o desenho do frontispício da Igreja da Ordem Primeira do Carmo de Cachoeira contribui para a construção histórica e religiosa da cidade? O estudo objetivou realizar uma análise histórica – tradutora de vivências – e religiosa, influenciadora de valores sociais. A base para a análise foi o método iconográfico de Erwin Panofsky. No estudo se deu ênfase ao frontispício do templo, analisando o seu lugar representativo e simbólico, buscando identificar os símbolos religiosos concretizados pelo seu desenho arquitetônico. O presente estudo se revestiu de um caráter interdisciplinar, apresentando as peculiaridades históricas, geográficas e arquitetônicas da cidade de Cachoeira e a formação religiosa dos Carmelitas, ressaltando seus valores e importância para a historicidade religiosa da cidade.

Palavras-chave: Cachoeira; igreja; religião; símbolo; iconografia.

ABSTRACT

The present dissertation has as its object the frontispiece of the Ordem Primeira do Carmo Church in Cachoeira, on which an iconographic analysis was made. The guiding question of the research was: how does the design of the frontispiece of the Ordem Primeira do Carmo Church contribute to the historical and religious construction of the city? The study aimed to carry out a historical analysis - translator of experiences - and a religious one, influencer of social values. The basis for the analysis was Erwin Panofsky's iconographic method. In the study, emphasis was placed at the frontispiece of the temple, analyzing its representative and symbolic place, seeking to identify the religious symbols embodied in its architectural design. The present study has an interdisciplinary character, presenting the historical, geographical and architectural peculiarities of the city of Cachoeira and the religious formation of the Carmelites, highlighting their values and importance for the religious historicity of the city.

Keywords: Cachoeira; church; religion; symbol; iconography

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Cachoeira Heroica e Monumento Nacional	17
Figura 02: O primeiro passo para a Independência da Bahia.	21
Figura 03: Cachoeira, província da Bahia, Império do Brasil, 1860.	22
Figura 04: Estação Ferroviária de Cachoeira	23
Figura 05: Projeto da Ponte entre a Vila da Cachoeira e a Povoação de São Félix, Bahia, 1816.	24
Figura 06: Ponte Imperial Dom Pedro II	25
Figura 07: Mapa da Evolução Urbana	27
Figura 08: Desenho assinalando o centro urbanístico da Vila de Cachoeira	29
Figura 09: Vista aérea da cidade de Cachoeira	32
Figura 10: Largo da Ajuda	33
Figura 11: Rua Ana Nery	34
Figura 12: Igreja de Nossa Senhora do Rosário.	35
Figura 13: Casa de Câmera e Cadeia e Praça da Aclamação.	36
Figura 14: Praça Vinte e Cinco de Junho.	36
Figura 15: Conjunto do Carmo.	37
Figura 16: Frades Carmelitas.	39
Figura 17: Monte Carmelo.	41
Figura 18: Nossa Senhora do Carmo.	45
Figura 19: São Simão Stock.	46
Figura 20: Escapulário Carmelitano	47
Figura 21: Santa Teresa de Ávila	49
Figura 22: Brasão da Ordem Carmelita.	50
Figura 23: Conjunto do Carmo de Cachoeira, 1957.	57
Figura 24: Parte interna do Convento.	59
Figura 25: Fachada da Igreja da Ordem Primeira do Carmo.	60
Figura 26: Fachada da Igreja da Ordem Terceira do Carmo.	61
Figura 27: Capela-Mor Igreja da Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira	62
Figura 28: A igreja.	64

Figura 29: Planta da Capela da Ordem Primeira do Carmo.	67
Figura 30: Visão panorâmica da Igreja do Carmo a partir da Cidade de São Félix.	68
Figura 31: Fachada da Igreja da Ordem Primeira do Carmo.	69
Figura 32: Escadaria da Igreja da Ordem Primeira do Carmo.	71
Figura 33: Janelas da Igreja da Ordem Primeira do Carmo.	72
Figura 34: Parte superior da Igreja da Ordem Primeira do Carmo.	73
Figura 35: Rua Floriano Peixoto.	74
Figura 36: Desenho da Fachada da Igreja Ordem Primeira do Carmo.	77
Figura 37: Portas Centrais da Igreja da Ordem Primeira do Carmo.	79
Figura 38: Ornamentação das janelas.	80
Figura 39: Volutas da Igreja da Ordem Primeira do Carmo.	81
Figura 40: Frontão da Igreja da Ordem Primeira do Carmo.	82
Figura 41: Anjos da fachada da Igreja da Ordem Primeira do Carmo.	83
Figura 42: Coroa da Igreja da Ordem Primeira do Carmo.	84
Figura 43: Palma: detalhe da fachada da Igreja da Ordem Primeira do Carmo.	85
Figura 44: Flores: detalhes da fachada da Igreja da Ordem Primeira do Carmo.	86
Figura 45: Tocheiro: detalhe da fachada da Igreja da Ordem Primeira do Carmo.	88
Figura 46: Cruz da Igreja da Ordem Primeira do Carmo.	89
Figura 47: Curvas em C na fachada da Igreja da Ordem Primeira do Carmo.	90

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 A CIDADE DE CACHOEIRA: PECULIARIDADES NA BAHIA COLONIAL	17
2.1 CACHOEIRA, TESOIRO PECULIAR DA HISTÓRIA	19
2.2 PLANIFICAÇÃO URBANÍSTICA DA HEROICA CACHOEIRA.	27
2.3 O TRAJETO ATÉ O CONJUNTO DO CARMO.	31
3 OS CARMELITAS: HISTÓRIA, TRAJETÓRIA E SÍMBOLOS DO CARMELO	40
3.1 HISTÓRIA DA ORDEM CARMELITA	40
3.2 SÍMBOLOS DO CARMELO	44
3.2.1 Nossa Senhora do Carmo	44
3.2.2 Simão Stock	46
3.2.3 Santa Teresa d'Ávila	48
3.2.4 Brasão Carmelita	49
3.2.4.1 Faixa com a inscrição.	50
3.2.4.2 A Coroa	51
3.2.4.3 A Montanha	51
3.2.4.4 As três Estrelas	51
3.2.4.5 A cruz	52
3.3 CAMINHOS PERCORRIDOS ATÉ CACHOEIRA	53
3.4 O CONJUNTO DO CARMO DE CACHOEIRA	57
4 UM OLHAR ICONOGRÁFICO SOBRE A IGREJA DA ORDEM PRIMEIRA DO CARMO DE CACHOEIRA	64
4.1 ARQUITETURA DA IGREJA DA ORDEM PRIMEIRA DO CARMO DE CACHOEIRA	66
4.2 O FRONTISPICIO DA ORDEM PRIMEIRA DO CARMO DE CACHOEIRA: ANÁLISE ICONOGRÁFICA	75
4.2.1 As portas e janelas	78
4.2.2 As volutas	80
4.2.3 O Frontão	82
4.2.4 Anjos	83
4.2.5 A Coroa	84
4.2.6 A Palma	85

4.2.7 As Flores	86
4.2.8 O Tocheiro.....	87
4.2.9 A Cruz.....	88
4.9.10 As Curvas em C	89
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
REFERÊNCIAS	95

1 INTRODUÇÃO

Este estudo objetivou analisar o frontispício da Igreja da Ordem Primeira do Carmo, situada na Cidade de Cachoeira, no Recôncavo da Bahia, cidade reconhecida pela diversidade cultural e suas edificações nos estilos Barroco e Rococó. Construída no período colonial (notadamente nos séculos XVII e XVIII), essas edificações receberam forte influência do catolicismo e se impuseram com imensurável valor histórico, artístico e cultural. O eixo norteador desta pesquisa se direciona para a iconografia incorporada pelo desenho (projeto) arquitetônico do frontispício da Igreja.

Centrada em estilo predominantemente barroco com traços do rococó, esse desenho reflete o avanço da arquitetura em Cachoeira, considerando que os primeiros templos religiosos seguiram um estilo maneirista, composto com escassez de decorações.

Diante disso, o frontispício a ser analisado marca na sua construção uma notável e imponente arquitetura, apresentando na sua estrutura exuberância e riqueza de signos que contribuem para a construção da identidade cultural da cidade. Contudo, importa referir que esses signos se fundamentam na linguagem do desenho como projeto e concretização de mentalidade. O frontispício da Ordem Primeira do Carmo de Cachoeira tornou-se, assim, um elo entre os saberes históricos, religiosos e artísticos, referenciando a identidade local.

Desse modo, valorizando o desenho do frontispício, entende-se o mesmo como locução que legitima a história no Recôncavo da Bahia, tratando o desenho, nesta dissertação, como força representativa histórica e religiosa que se mantém ao longo dos tempos nos processos das modernizações urbanas na cidade de Cachoeira.

A Igreja da Ordem Primeira do Carmo ocupa uma localização central na Cidade de Cachoeira, podendo-se observar em seu entorno a construção social da população. No período colonial, acreditava-se que, residindo nas proximidades de um templo, as pessoas estariam mais próximas a Deus. Assim, esse templo se tornou eixo fundamental de expansão na cidade, influenciando o crescimento local e difundindo uma proposta identitária na construção historiográfica da população.

Acompanhar os avanços urbanísticos ao longo dos séculos, preservando as suas características peculiares coloniais, permite a compreensão da sociedade sob o contexto da religiosidade na devoção católica a Nossa Senhora do Carmo e a relação estabelecida com essa fé.

A cultura da cidade – com suas tradições católicas, confissões de fé e catecismos – e a arte retratam, por meio da arquitetura e dos seus símbolos, a arte sacra, a fé no sagrado e a memória, que se sucede através das narrativas históricas que esse desenho obtém, construindo assim significados que atestam a importância e o legado artístico colonial que a fachada da Igreja da Ordem Primeira do Carmo possui dentro do conjunto que compõe com a Ordem Terceira do Carmo e o Convento.

O frontispício da Igreja da Ordem Primeira do Carmo de Cachoeira é um legado cultural em conjunto com outros monumentos de grande significado para o entendimento da história da cidade, sendo visto como patrimônio afirmativo de valores artísticos, culturais e sociais que refletem e interligam informações históricas e cargas simbólicas que se mantêm em evidência na sua estruturação arquitetônica e na memória da sociedade.

Encontrando-me como parte social que compõe esta história e interagindo com minhas memórias, resgato recordações que justificam o estudo desta fachada, que me molda cultural e socialmente no despertar sensível do meu olhar diante desta fonte de pesquisa.

A minha família materna originou-se na cidade de Cachoeira, especificamente na Rua Floriano Peixoto, conhecida por todos como “Antiga Rua do Carmo”, fazendo referência ao Conjunto do Carmo, origem formal do objeto deste estudo. A fachada principal da Igreja servia para mim como ponto de localização, direcionamento: quando a visualizava no horizonte, tinha a segurança e a convicção de estar próxima à casa de minha família.

Lembro que as três portas frontais da Igreja se abriam às 18 (dezoito) horas, quando também o sino soava, as luzes amarelas iluminavam as escadarias e os irmãos e irmãs entravam para a missa com as vestes marrons. As crianças brincavam à porta da igreja e o padre rezava a Ave Maria – detalhes que formam as minhas memórias de infância.

No âmbito profissional, estudei Licenciatura em Arte, na Faculdade Regional de Filosofia, Ciências e Letras de Candeias, curso que ampliou o meu olhar acerca da importância artística e despertou em mim o desejo de realizar este estudo, que se revela de total importância na minha prática didática, concedendo subsídios teóricos e metodológicos para a ampliação da mesma, gerando na sua pluralidade de conhecimentos um marco representativo na minha prática docente.

Na perspectiva de cunho científico, o Frontispício da Igreja da Ordem Primeira do Carmo de Cachoeira, como objeto deste estudo, desconstrói a fragmentação de saberes e propõe uma abordagem interdisciplinar através da tradução de seus elementos, os quais perpassam pela arte, história, geografia e arquitetura, viabilizando a compreensão e a importância acadêmica dos mesmos.

O texto acadêmico que ora se apresenta põe em evidência o caráter interdisciplinar do desenho apresentado, como campo onde a multiplicidade de saberes e vivências se interceptam a favor da compreensão das sociedades e do caráter variável das experiências humanas, traço que contribui para justificar a relevância social desta pesquisa.

Destarte, o desenvolvimento desta pesquisa pretendeu contribuir para o avanço dos conhecimentos sobre as singularidades dos símbolos do frontispício da Igreja da Ordem Primeira do Carmo de Cachoeira, significando um alargamento dos estudos sobre a História da Arte Brasileira que tem nas expressões da Bahia colonial um vasto campo a ser descortinado nas suas interfaces culturais e interdisciplinares.

Por se constituir como estudo original, no que tange à análise iconográfica da fachada da Igreja da Ordem Primeira do Carmo, sobretudo pelo tratamento com que esse patrimônio histórico e artístico é reportado, como sendo fundamental para a identidade cultural da Cidade de Cachoeira, a questão norteadora da pesquisa concentra-se na seguinte pergunta: de que maneira o desenho do frontispício da Igreja da Ordem Primeira do Carmo de Cachoeira contribui para a construção histórica e religiosa da cidade?

Este texto dissertativo pretende servir de parâmetro para estudos subsequentes sobre essa Igreja, e tem como objetivo geral compreender os aspectos históricos, religiosos e simbólicos que compõem o frontispício da Ordem Primeira do Carmo de Cachoeira como lugar de construção social. Nos objetivos específicos, ao analisar o processo histórico e religioso da cidade de Cachoeira, são apresentados a História da cidade e o percurso da Ordem Carmelita até se estabelecer na mesma. Faremos, como meta primordial, a análise dos ícones que constituem a Ordem Carmelita e compõem a história da sua criação.

O desenho arquitetônico da Igreja da Ordem Primeira do Carmo de Cachoeira será exposto e descrito iconograficamente, reconhecendo o seu papel como parte edificada que compõe a estruturação urbanística e patrimonial da sociedade cachoeirana.

O frontispício da Igreja da Ordem Primeira do Carmo de Cachoeira traz em seus fundamentos iconográficos índices sujeitos a este estudo, fazendo-se entender sua importância como parte da História religiosa e social da cidade. Na busca de informações que contemplem os campos dos saberes históricos, religiosos e artísticos, e tendo o desenho do frontispício como área de conhecimento e monumento icônico, este estudo se torna elo entre as demais áreas, triangulando saberes, utilizando-os como dados na interpretação abrangente dos contextos expostos.

Assim, neste estudo histórico, religioso e simbólico, que acontece através da análise dessas imagens, em consideração à questão norteadora e aos objetivos dessa pesquisa,

reconhecemos que o método que mais se apropria do estudo é o Iconográfico, de Panofsky (1892-1968), historiador da Arte, sem desprezar, entretanto, outras possibilidades metodológicas. Esse método representa um processo que permite reconhecer e entender os ícones, desde sua feição material até a busca da mensagem explícita e implícita, por eles veiculada.

Para uma melhor compreensão desta dissertação, a mesma organiza-se em cinco capítulos, sendo o primeiro esta Introdução, em que se delimita o objeto e se apresentam os elementos constitutivos da pesquisa.

O capítulo 2, intitulado “**A cidade de Cachoeira: peculiaridades na Bahia Colonial**”, tem como foco as questões históricas da Cidade de Cachoeira, no seu percurso religioso e geográfico, enfatizando uma pluralidade que lhe é própria e que se apresenta mediante subsídios que correspondem às lutas sociais pela liberdade, aos valores históricos, à expansão territorial, ao patrimônio e à fé. Tais peculiaridades geraram uma função representativa que levou a cidade a ser tombada como Monumento Nacional. Ela, que teve a religião católica por muitos séculos como referência do divino, o qual está simbolizado e representado sobremaneira em seus objetos arquitetônicos de cunho religioso. Para a construção deste capítulo, o aporte teórico utilizado foi: Barbosa (2010), Casimiro (2002), Castro (2005), Milton (1979), RIGHB (1932) e Rocha (2015).

O Capítulo 3, intitulado “**Os Carmelitas: história, trajetória e símbolos do Carmelo**”, trata sobre o percurso histórico da criação da Ordem Carmelita, a partir de uma perspectiva de análise contextualizada entre a sua fundação e a leitura dos ícones que contribuíram para que isso ocorresse. Nesse capítulo, evidencia-se o processo de evolução dos Carmelitas e seus ícones. Traçar os caminhos percorridos pelos Carmelitas até a cidade de Cachoeira significa a extensão religiosa estrutural do Carmelo pelo mundo. Tracejar esse percurso coopera como ponto de análise para a leitura iconográfica da Igreja da Ordem Primeira do Carmo de Cachoeira, pois, a partir do entendimento das representações carmelitas, sejam icônicas, históricas ou sociais, gera-se um estreitamento entre a sua criação, os ícones e a importância de sua chegada à cidade de Cachoeira. Como aporte teórico, foram utilizados os estudos de: Arantes (2011), Bayón (2001), Calderón (1976), Costa (1976), Flexor (2010), Leonardini e Borda (1996), Mattos (1964), Ott (1977) e Pedras (2000).

Já no Capítulo 4, denominado “**Um olhar iconográfico sobre a Igreja da Ordem Primeira do Carmo de Cachoeira**”, tecemos uma análise com o objetivo de conhecer a arquitetura da fachada sacra da Igreja da Ordem Primeira do Carmo de Cachoeira, com suas distribuições e contribuições para a referida cidade. Partindo deste pressuposto, e já

conhecendo

a história da cidade de Cachoeira e a chegada da Ordem Carmelita, detalhamos a análise iconográfica dos símbolos que constituem o frontispício da igreja. Recorremos ao método iconográfico de Panosky para subsidiar esta análise e compreender as mensagens que são transmitidas pelos símbolos, os quais instituem em seus significados uma percepção de contexto histórico, religioso, artístico e social, de modo consolidador na cidade de Cachoeira. Para tanto, buscamos as contribuições teóricas de: Bazain (1993), Campello (2001), Calderón (1976), Conti (1984), Eliade (1996), Mello (1905), Panofsky (1995) Santiago, Almeida e Sant'Anna (2020), Smith (1954), Thompson (1945) e Wolfflin (1984).

Além disso, e objetivando concluir a pesquisa, no Capítulo 5 apresentamos nossas Considerações Finais.

A CIDADE DE CACHOEIRA: PECULIARIDADES NA BAHIA COLONIAL

Figura 01: Cachoeira Heroica e Monumento Nacional



Fonte: Acervo Pessoal da Autora. Fotografia tirada em 13-02-2023.

Cachoeira (Figura 01) possui riquezas material e imaterial peculiares e imensuráveis: seus marcos históricos a tornaram um tesouro cultural na Bahia Colonial. Com destaque para a localização geográfica e o solo fértil, avançou em sua economia e se estruturou de forma urbanística como um verdadeiro acervo a céu aberto do período colonial. Defrontou em prol dos combates pela Independência da Bahia, e continua sendo cenário de grandes feitos históricos, artísticos e culturais.

Com um belo patrimônio histórico de natureza artística, cultural e paisagística, possui em seu desenho arquitetônico uma originalidade que justifica seu tombamento como Monumento Nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional

(IPHAN), apresentando assim a intenção do Estado em assegurar a conservação dessa história tão importante para a identidade social brasileira.

Ocorreu o tombamento como medida legal e administrativa para a valorização e não descaracterização dos bens, preservando o desenho arquitetônico da cidade como característica de comunicar o que é visto, uma vez que as formas do desenho elaboram mensagens visuais que transmitem ao espectador os elementos necessários à leitura da imagem.

Recorremos, no presente estudo, ao método de Panofsky, que corresponde à interpretação dos significados das imagens através da análise de suas composições determinadas pelo seu contexto histórico.

Em virtude da religião predominante no Brasil colônia ser o catolicismo, e segundo Ana Palmira Casimiro, em seu livro “A Procissão de Cinza dos Terceiros Franciscanos da Bahia”, Portugal ter alicerçado seu poder na colônia mediante atos religiosos para a submissão da fé, em Cachoeira, a formação religiosa da sociedade catequizada nos princípios religiosos católicos perduram até os dias atuais, em sua estrutura urbanística formada por inúmeras igrejas católicas que representam esse domínio.

Por conta de todos esses fatores determinantes e diante do destaque que Cachoeira obtém no cenário nacional, no seu processo de construção histórica e simbólica, a cidade representa as conquistas e memórias de um povo que lutou pela sua liberdade, que inspirou e inspira as gerações presentes e que precisa preservar seus bens culturais para que as gerações futuras possam conhecer a diversidade das narrativas que são contadas através das dimensões históricas, geográficas e sociais da cidade de Cachoeira.

2.1 CACHOEIRA: TESOURO PECULIAR DA HISTÓRIA

*“Para uma apreensão mais completa do objeto,
é preciso levar em conta o contexto em que se situa”*
(MINAYO, 1994, p. 15).

Cachoeira, localizada no Recôncavo da Bahia, às margens do Rio Paraguaçu, elevou-se a várias categorias até se tornar cidade. No início do século XVI, passou a ser povoada pelos indígenas Tupinambás, que habitavam a região primitivamente, em aldeias que abrangiam a bacia do Paraguaçu. Por ter em suas margens um território expansivo, o rio Paraguaçu despertou o interesse do movimento colonizador. Adentrando no processo de ocupação, os colonizadores tiveram como importante aliada a Igreja Católica, a qual oferecia apoio e legitimação nessas ocupações, unindo os poderes civis e eclesiásticos no desenvolvimento de uma missão múltipla em modos de atuação, com influências no que tange aos aspectos políticos, culturais, sociais e educacionais. “Estudiosos da Colônia nomeiam os principais intelectuais orgânicos que influenciaram e foram influenciados por ideias pedagógicas que, segundo a nossa interpretação, estavam a serviço de uma pedagogia da dominação” (CASIMIRO, 2002, p. 117).

A Igreja fortaleceu esse processo de crescimento e demarcação territorial no panorama local, mediando as relações e assegurando esta expansão. Nesse contexto, Igreja e Coroa Portuguesa estreitavam suas relações, unindo forças na conquista das riquezas e das almas além-mar.

Iniciou-se a colonização do Recôncavo da Bahia pelo governo de D. Duarte da Costa, acompanhado por um grupo de padres jesuítas, na busca de conquistar o território baiano. O filho de D. Duarte da Costa, o senhor D. Álvaro da Costa, em 27 de novembro de 1565, recebeu por doação as terras dos rios Paraguaçu e Jaguaripe conquistadas pelo seu pai, e teve confirmação régia no livro 17, fl. 61, por meio de D. Sebastião e D. Henrique, onde está averbada. Em 29 de março de 1566, teve por limite as sesmarias do Rio Paraguaçu, sendo elevada a capitania.

Em 29 de Março de 1566, foi elevada a capitania, tendo por limites constantes da carta de sesmaria, a saber: da parte da barra do rio Peroassú da parte do sul, até a barra do rio Jaguaripe pela costa 4 léguas para o sertão pelos dous rios acima dez léguas, indo confinar no Aporá, na Serra Guararú, entretanto dentro delas todas as ilhas que estiverem ao longo da costa desta dada, e agua do Iaguassú que está pelo rio de Peroassú dentro do lado sul. Com todas as entradas e shaidas, pastos, matts e logradouros (RIGHB, 1932, p. 77-78).

A capitania do Paraguaçu, que tinha como donatário D. Álvaro da Costa, foi subdividida e doada pelo seu procurador Pedro Carneiro a Gaspar Rodrigues Adorno, descendente de José Adorno, o qual acompanhou os jesuítas José de Anchieta e Manoel da Nóbrega nas expedições do processo de colonização. Por cartas datadas de 23 de janeiro de 1574 e 12 de maio de 1574, foi feita a doação, sendo que a primeira doação foi de 1.200 (mil e duzentas) braças e a segunda doação foi feita de 3.000 (três mil) braças, totalizando assim 4.200 (quatro mil e duzentas) braças.

Depois desta e de outras expedições, assentou o capitão Gaspar Adorno prazes como o gentil brando das aldeias de jacobina e, segundo Ordem Régia de 23 de Fevereiro de 1661, as transferiu para os cabaceiras de Iguape, Cachoeira, Maragogipe e Jaguaripe, a fim de seus índios domesticarem os Maracás com o seu comércio (MILTON, 1979, p. 89).

A família Adorno favoreceu o povoamento das terras, tornando-as promissoras para a colonização; e, a partir das construções de engenhos, começou o fomento da economia, prosperando a região e favorecendo o seu crescimento demográfico nos séculos posteriores. O povoado do porto da Cachoeira, pertencente à capitania do Paraguaçu, elevou-se à categoria de freguesia de Nossa Senhora do Rosário em 1674, e tornou-se paróquia aos tempos do arcebispo D. João Franco de Oliveira (1692 a 1700). Passou por mais uma elevação em 1693, tornando-se vila, ficando conhecida como Vila e Freguesia de Nossa Senhora do Rosário do Porto de Cachoeira. Os seus engenhos de cana-de-açúcar e o cultivo do fumo fizeram-na se tornar uma vila muito próspera no panorama local, assumindo um papel comercial relevante na economia colonial. Castro (2005, p. 114) expõe:

Localizada numa região comumente chamada de Recôncavo – que significa fundo de baía, neste caso, a baía de todos os Santos –, foi denominada, inicialmente, de Vila de Cachoeira. Passou à Freguesia de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira em 1674, uma vez que o número de seus moradores avançava. Em 1693, através da Carta Régia de 27 de dezembro, passou a ser chamada de Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira.

A vila contribuía no cenário econômico e histórico, e as forças patrióticas que dominavam seus residentes e os pensamentos revolucionários colaboraram com o primeiro passo para a Independência do Brasil (Figura 02). Foi na vila que o príncipe D. Pedro foi aclamado como Imperador do Brasil, sendo a pioneira a proclamar a sua regência.

Em 1822, os habitantes do recôncavo e do interior da Bahia, dirigiram-se ao príncipe regente, comunicando-lhe que haviam lançado mão das armas para sustentar a regência de sua alteza D. Pedro, a quem reconhecia como defensor perpetuo do Brasil (MILTON, 1979, p. 337).

Figura 02: O primeiro passo para a Independência da Bahia



Fonte: Acervo Pessoal da Autora. Fotografia tirada em 13-02-2023. Casa de Câmara e Cadeia de Cachoeira. Antônio Parreiras, 1931. Técnica: Óleo sobre tela.

Em 1822, o Conselho Interino do governo da Província da Bahia estabeleceu comissão representativa na vila, construindo um centro forte de ações, deliberando protestos contra as perdas, danos e ameaças iminentes das autoridades portuguesas. Em 1823, o conselho interino do governo da província, já estabelecido na vila, organizou-se a repelir a ocupação portuguesa reunindo as forças que vinham de todos os pontos da província para lutar pela liberdade da pátria. (MILTON, 1979, p. 365).

A independência da principal colônia de Portugal se tornou real, e a luta findou-se na Bahia, em 2 de julho de 1823, quando o General Madeira de Mello retirou-se, acompanhado das suas últimas tropas portuguesas, para a Europa. Em 1826, D. Pedro I visitou a Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto de Cachoeira, e a população requereu que a majestade elevasse a vila à categoria de cidade. Em 1837, a Lei Provincial nº 43 elevou a vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto de Cachoeira à categoria de Cidade, com o título de heroica (Figura 03).

Figura 03: Cachoeira, província da Bahia, Império do Brasil, 1860



Fonte: <http://www.bahia-turismo.com/cachoeira/ilustracao.htm>, Acesso 12 nov. 2021.

Cachoeira encontrava-se situada como principal rota englobando em seu território um porto onde havia comercialização de produtos e transporte marítimo que “embarcava e desembarcava mercadorias das Minas Gerais e do Rio de Contas” (ROCHA, 2015, p. 55) pelo Rio Paraguaçu, que era de fundamental importância como rota para os sertões de baixo e de cima.

A margeabilidade com o rio Paraguaçu – o maior da Bahia, e que perpassa as regiões da Caatinga, Chapada Diamantina e o próprio Recôncavo –, adquire relevância fundamental no desenvolvimento econômico da cidade, uma vez que suas barcas, saveiros e vapores, nos séculos XVIII e XIX, perfaziam constantes idas e vindas ao porto de Salvador, que, à época, era o mais importante do Brasil – sendo o porto de Cachoeira o segundo maior do Estado (CASTRO, 2005, p. 115).

Cachoeira também tinha a seu favor a locomoção por meio de uma ferrovia (Figura 04), a qual fazia a interligação dessas mercadorias entre os interiores e os portos de forma rápida. Também era a rota que ligava a cidade de Salvador ao sertão nordestino, inclusive Feira de Santana, a qual fazia parte do seu território e se desmembrou em

meados de 1832, quando Cachoeira ainda era vila, elevando-se à categoria de cidade de Feira de Santana em 1873.

Compreendida então, a antiga villa de N. S. do Rosario do Porto de Cachoeira um imenso território que, aos poucos, se foi desagregando para constituir novos municípios, como alfas se fazia preciso ao bom andamento publico administração então dilatada circunscrição (MILTON 1979, p. 97).

Figura 04: Estação Ferroviária de Cachoeira



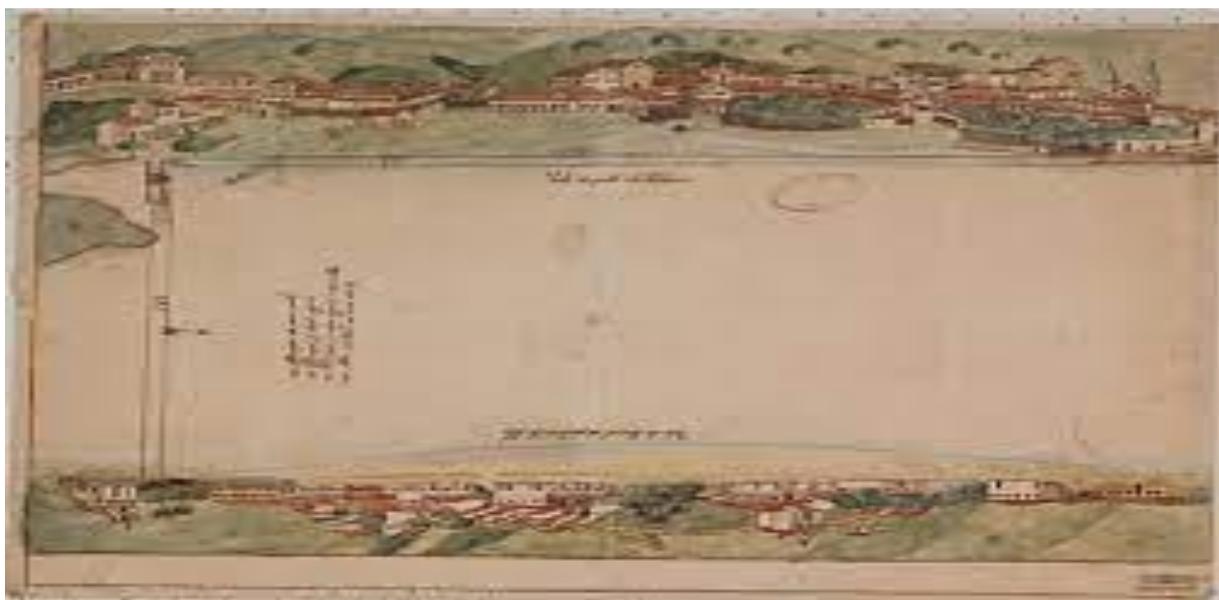
Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/acesso> jan.2021

A estação ferroviária de Cachoeira foi ativada em 1876, a partir do tráfego ferroviário e circulação de pessoas e produtos, antes da construção da ponte D. Pedro II. Ao adentrá-la, existe a plataforma de embarque, que é coberta por um túnel; e na sua parte externa, observa-se um desenho arquitetônico suntuoso, com uma torre centralizada com um relógio embutido, que marcava o horário da passagem do trem. A estação encontra-se às margens do Rio Paraguaçu e é instituída como patrimônio cultural ferroviário.

Sobre o Rio Paraguaçu, espectador dos combates que firmaram a Independência do Brasil, construiu-se a Ponte Imperial Dom Pedro II (Figura 05), considerada um dos principais elementos históricos, que liga Cachoeira a sua cidade “irmã”, como é conhecida a cidade de São Félix.

A esse respeito, Flexor (2010, p. 19) afirma: “Um bom resumo da importância de Cachoeira, nesse aspecto, foi fornecido pelo requerimento que a Câmara dirigiu ao oitavo conde dos Arcos, em 6 de novembro de 1816, solicitando sua gestão junto a D. João VI para que se construísse a ponte entre Cachoeira e São Félix, justificando sua necessidade”.

Figura 05: Projeto da Ponte entre a Vila da Cachoeira e a Povoação de São Félix, Bahia, 1816



Fonte: Desenho aquarelado, 38 x 49cm. Arquivo Nacional, Fundo Ministério do Reino.
BR_RJANRIO_57_0_MAP_1.

“Em 1856, foi publicada sob n. 598 a lei referente ao assentamento de uma ponte entre esta cidade e S. Felix, Idea que só muitos anos depois realizou-se, graças à companhia da Estrada de Ferro Central da Bahia” (MILTON, 1979, p. 249). A ponte D. Pedro II (Figura 06) tornou-se um marco arquitetônico portuário em estilo colonial, e representa um dos principais cartões postais da paisagem da Cidade de Cachoeira. Por ela, trafegam pedestres, automóveis e trem de carga, e sua estrutura é concebida de material metálico.

Figura 06: Ponte Imperial Dom Pedro II



Fonte: Acervo Erivaldo Brito. Fotografia: J. Nogueira

A Cachoeira foram concedidos títulos, obtendo assim reconhecimentos oficiais honrando e promovendo a sua visibilidade em um cenário global, que demonstra a importância do município para a história do país. Cachoeira é reconhecida como Cidade Monumento Nacional pela UNESCO, por meio do Decreto 68.045, de 18 de janeiro de 1971. Seguem os três primeiros artigos desse Decreto e, logo após, o Quadro 01 com os títulos da cidade.

Art. 1º. Fica erigida em Monumento Nacional a cidade de Cachoeira, Estado da Bahia, cuja área urbana, sítio da antiga Vila de Nossa Senhora do Rosário,

e lugares históricos adjacentes serão inscritos nos Livros do Tombo do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Art. 2º. Na área do Monumento Nacional de Cachoeira aplicar-se-á regime especial de proteção, nos termos do Tombamento determinado no artigo 1º deste Decreto.

Art. 3º. O Ministério da Educação e Cultura, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, promoverá, com o concurso dos órgãos competentes e Fundações do Estado da Bahia e do Município interessado, a adoção do plano urbanístico adequado à preservação do acervo arquitetônico e natural dos sítios históricos de Cachoeira, quanto ao desenvolvimento e à valorização da cidade e territórios adjacentes (UNESCO, 1971, p. 16)

Quadro 01: Títulos de Cachoeira- Ba

Títulos	A que se refere
Cidade Heroica	Condecoração oferecida devido ao fato de a cidade ter sido sede do Governo Provisório durante a Guerra da Independência (1822) e durante a revolta conhecida como Sabinada (1837).
Cidade Monumento Nacional	Foi reconhecida pelo IPHAN através do Decreto Presidencial nº 68.045, de 18 de janeiro de 1971, pela sua arquitetura.
Segunda capital do estado da Bahia	De acordo com a Lei Estadual 10 695/07 (BAHIA, 2007), todos os anos, no dia 25 de junho, o governo estadual é transferido para a cidade, num ato de celebração pelos feitos em prol do Estado e do País.

Fonte: SANTOS, 2019, p. 64.

Chegou a ser sede do governo baiano por duas vezes: a primeira, durante as lutas pela independência da Bahia, sendo sede da Junta Governativa e depois, do Governo Provisório em 1822, fato que, posteriormente, lhe rendeu o título de „Cidade Heroica“. A segunda, em 1837, durante a Sabinada (BARBOSA, 2010, p. 19).

É possível ver por toda a cidade de Cachoeira e seus distritos, registros e traçados de uma história que marcou o Brasil, percorrendo suas ruas. Olhando os seus casarões, sobrados, museus e igrejas é possível verificar as marcas de uma história, testemunhas vivas seculares. Suas calçadas em pedrarias decoram e transmitem mensagens pelas imagens que as compõem.

Cachoeira apresenta caminhos percorridos com maestria em busca de um futuro libertador, que se constituiu com um legado colonial representativo, impactante e expansivo, edificado e consolidado com riqueza de detalhes nas suas formas estruturais e

na sua história. Cachoeira emociona, ensina, narra, constrói, desbrava, revive nos anais supremos de ouro, revelando-se um tesouro supremo da história.

A cidade traz uma valorosa contribuição nas considerações de tempo e lugar, preservando elementos primitivos que caracterizam o processo de colonização que, no seu traçado urbanístico, configuram a importância das árduas batalhas para a história de conquista da Independência.

2.2 PLANIFICAÇÃO URBANÍSTICA DA HEROICA CACHOEIRA

Cachoeira, um nome eloquente, que se denomina como “Cidade Heroica” pela sua importância histórica, com uma majestosa arquitetura colonial, evidencia através dos aspectos históricos, artísticos, sociais e arquitetônicos sua construção atemporal.

João Rodrigues Adorno proporcionou desde 1654 a expansão urbana (Figura 07), incentivando a vinda de moradores no processo de povoamento e crescimento urbanístico. O povoado do porto da Cachoeira foi elevado à Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira em 1698, oportunizando novos agrupamentos urbanos no território da vila, experimentando um grande crescimento populacional e econômico nesse decorrer da história.

Figura 07: Mapa da Evolução Urbana



Fonte: Centro de Estudos da Arquitetura da Bahia. Fotografia do Plano Urbanístico de Cachoeira, 1976.

O mapa representado pela Figura 07 apresenta, através dos seus respectivos números, locais que compõem a evolução urbana da vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira, em 1700. No número 1, é apresentada a capela de Nossa Senhora da Ajuda; no 2, a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário, em construção; no 3, a Casa de Câmara e Cadeia, em construção; no 4, o Porto da Cachoeira; no 5, o Pelourinho; e no 6, o conjunto dos carmelitas.

No ano de 1724, a Casa de Câmara e Cadeia, já criada na atual vila, exigiu que a expansão urbanística que a vila estava adquirindo obtivesse um alinhamento nas suas construções, a fim de que houvesse caminhos para serem transitados. Na parte central da vila, foram pavimentadas diversas ruas; porém, as calçadas dessas ruas foram feitas pelos proprietários que obtinham imóveis localizados no perímetro.

No livro de Termos de Arrematação de Obras, consta sobre os consertos, as vistorias, medições e aceitações dos calçamentos datados por período. Essas obras possibilitavam fácil acesso transitório das pessoas com segurança, obtendo também como finalidade o sentido econômico, haja vista que a vila era a mais povoada e o seu comércio era muito importante.

A rua principal começava no Caquende, atravessava o Carmo, a praça, a Rua da Matriz e ia até o fim do pasto, como pode ser visto no detalhamento do desenho de 1792 apresentado na figura 08 abaixo:

Figura 08: Desenho assinalando o centro urbanístico da Vila de Cachoeira



Fonte: Plano Urbanístico de Cachoeira. Centro de Estudos da Arquitetura da Bahia, 1976.

As ruas que se localizavam nessa expansão central urbana eram conhecidas como: Rua de Baixo, denominada posteriormente de Rua da Matriz e atualmente Rua Ana Nery; Rua Larga, atualmente denominada de 25 de Junho, a qual abrange até a praça Teixeira de Freitas; Rua do Carmo sentido Caquende, chamada atualmente como Rua Inocência Boaventura.

A cidade de Cachoeira, atualmente, dispõe de um plano diretor urbano que possibilita a participação popular nos processos normativos em defesa do patrimônio histórico construído ao longo dos séculos. Em caráter estratégico, apresenta propostas que

priorizam o combate à perda histórica, artística e cultural do município. O plano viabiliza implantações de projetos que contribuem com a conscientização social, incentivando a difusão do conhecimento histórico na promoção do reconhecimento identitário.

As ações propostas para a preservação da paisagem visual do município constituem um papel importante no planejamento urbanístico, haja vista que o crescimento desordenado urbano tem como efeito o declínio paisagístico futuro e, conseqüentemente, a perda histórica, artística, cultural e identitária da sociedade.

O Art.7 inciso VII do Plano destaca: “A preservação e conservação do meio ambiente, do patrimônio histórico, cultural, arqueológico e paisagístico”, e explicita as contribuições que a população pode dar para que a imagem futura apresentada pela história da cidade não se desconfigure diante do que é narrado.

O Planejamento Urbano da cidade promove estratégias que se apresentam em conjuntos, e devem ser respeitadas conforme a sua expansão territorial. O zoneamento urbano da cidade, o seu conjunto arquitetônico e paisagístico, encontra-se identificado por duas áreas de proteção.

A primeira zona de preservação rigorosa acomoda em sua estrutura uma linguagem própria urbanística com predominância da arquitetura tradicional colonial, que por seu valor histórico, artístico e cultural justifica a sua preservação como referência principal. Encontra-se inserido nesta Zona o conjunto do Carmo, o qual, junto com a Casa da Câmara e Cadeia, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, a Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, entre outros, abrange a zona de interesse cultural da cidade.

E a Segunda Zona, não menos importante que a primeira, a de preservação à paisagem, corresponde ao entorno das áreas que já são consolidadas, e se justificam por motivos históricos e paisagísticos. Encontra-se inserido nesse contexto o Rio Paraguaçu, o qual ocupa lugar na zona de interesse ambiental da cidade. Na busca de evitar o espraiamento desordenado de ocupações e a perda histórica e paisagística que isso poderia causar, foram deliberados instrumentos no Plano para serem utilizados estrategicamente conforme o interesse da sociedade e do poder público na ocupação desses espaços.

Percebe-se que a preocupação com o espaço de Cachoeira transpassa os séculos, e ações organizadas foram tomadas para melhor aproveitamento desse espaço. O equilíbrio entre história, meio ambiente e sociedade promove um reconhecimento identitário da população como parte desse contexto histórico social, estimulando as

reflexões de práticas que podem ser desenvolvidas para melhor aproveitamento da ocupação desses locais.

Contudo, delineamos um trajeto no perímetro central urbano da cidade, que narra em imagens e fontes escritas o desenvolvimento urbanístico secular de Cachoeira. É perceptível a importante influência do catolicismo nessa expansão, haja vista que a primeira religião oficial no Brasil foi a Católica.

No alargamento territorial ocorrido em Cachoeira, os padres jesuítas que buscavam evangelizar os habitantes aqui encontrados deram sua contribuição. No percurso aqui apresentado, encontram-se quatro igrejas católicas, em uma distância de, aproximadamente, um quilômetro, entre elas.

2.3 O TRAJETO ATÉ O CONJUNTO DO CARMO

As imagens assumem valores que podem traduzir significados e proporcionar reflexões. Isso decorre do que é apresentado e como é observado, a partir da interpretação do observador. A análise acontece na compreensão das correlações dessas imagens, cada uma no seu contexto, dentro do percurso atemporal que as mesmas apresentam.

No seu desenho urbano, Cachoeira permite uma comunicação visual que apresenta elementos importantes na sua formação. Para Panofsky¹ (2009), as imagens devem ser compreendidas como um documento histórico. Embora, muitas vezes, apresente-se desordenado, o estudo das imagens de acordo com suas definições históricas apresenta condições para a compreensão de seus significados.

Através da Figura 09, observa-se Cachoeira e os seus aspectos paisagísticos, que apresentam significados nos seus elementos naturais e estéticos. No percurso visual, pode-se perceber que, no desenho urbanístico de Cachoeira, encontra-se a comunicação entre os símbolos que abrangem e evidenciam a sua formação.

¹ Erwin Panofsky: crítico, historiador, representante do método iconológico, de estudos acadêmicos em iconografia.

Figura 09: Vista aérea da cidade de Cachoeira



Fonte: Acervo pessoal da autora. Fotografia tirada em 30 -11-2022.

Delimitando a expansão urbanística da cidade de Cachoeira ao trajeto que direciona da primeira Capela de Nossa Senhora da Ajuda até o Conjunto do Carmo, traçamos caminhos seculares que contemplam a expansão territorial da cidade.

Sabe-se que inúmeras ruas da cidade de Cachoeira rendem homenagens a datas e figuras importantes no contexto histórico social da cidade. O percurso aqui realizado passa por ruas e praças centrais, que contribuíram na construção urbanística de Cachoeira, as quais muitas renderam tributos a importantes figuras e datas históricas.

Em 1890 o conselho municipal deliberou mudar os nomes de algumas ruas desta cidade. A 17 de dezembro tomou providencia igual, com relação às outras ruas. E, finalmente, a Lei n. 25 de 18 de maio de 1897 deu nome a umas

e mudou o de outras, com o fim de perpetuar a memória de vários cachoeiranos ilustres (MILTON 1979, p. 371).

O trajeto percorrido começa no Largo da Ajuda, onde no Século XVI se encontrava a fazenda de cana-de-açúcar da família Adorno, um moinho e um alambique – ambos não mais existentes –, um sobrado e a capela primitiva do engenho, atual Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, que ainda compõem o largo na contemporaneidade, como pode ser visualizado na Figura 10 abaixo:

Figura 10: Largo da Ajuda



Fonte: Acervo pessoal da autora. Fotografia tirada em: 25-10-2022.

A pequena e pioneira capela eremita do povoamento, construída no fim do Século XVI por Álvaro Rodrigues Celestino Adorno e reconstruída em 1673 por João Rodrigues Adorno como capela de Nossa Senhora do Rosário, sendo depois a Matriz, primeira da freguesia até que se levantasse a monumental Igreja da Matriz no final do Século XVII, ficava situada a pequena distância do sobrado, como pode ser visto na figura 10, e celebrava os atos litúrgicos da Igreja Católica.

Ao descer o Largo da Ajuda, encontra-se a rua denominada Ana Nery, em homenagem à cachoeirana heroína Anna Justina Ferreira Nery, de residência fixa em um casarão nessa rua. Pioneira na Enfermagem, de forma voluntária ofereceu os seus serviços na Guerra do Paraguai, tornando-se uma figura emblemática para a Independência do Brasil. Símbolo representativo de coragem, amor e solidariedade, recebeu

inúmeras

homenagens, e essa rua, por ter sido o local de sua residência por muitos anos, recebeu o seu nome. Porém, anteriormente, a Rua Ana Nery (Figura 11) se chamava Rua da Matriz, em homenagem à igreja que ali se encontra, e muitos cachoeiranos ainda chamam a rua pelo seu antigo nome.

Figura 11: Rua Ana Nery



Fonte: Acervo pessoal da autora. Fotografia tirada em: 25-10-2022.

Na rua Ana Nery, encontra-se a Igreja de Nossa Senhora do Rosário (Figura 12), construída por João Rodrigues Adorno no final do Século XVII. A capela estaria apertada para a população e, nessa oportunidade, os cachoeiranos já sentiam a necessidade de assistências religiosas mais próximas, com a presença de autoridades eclesiásticas. Então, deliberou-se a construção de uma edificação maior na parte baixa da então vila, haja vista que a igreja se encontra em uma rota importante da expansão territorial.

Figura 12: Igreja de Nossa Senhora do Rosário



Fonte: Acervo pessoal da autora. Fotografia tirada em: 25-10-2022.

A Casa de Câmara e Cadeia de Cachoeira (Figura 13), edificada em um território alto pela razão de se encontrar livre das inundações que poderiam ocorrer nas cheias do Rio Paraguaçu, assentou sua primeira pedra em 1700, através da desapropriação de casas de taipas. A casa de Câmara e Cadeia de Cachoeira obtém papel de importância na configuração histórica da cidade e se encontra localizada na Rua Benjamin Constant, em frente à Praça da Aclamação, a qual recebeu esse nome por ter sido o local onde os líderes do movimento pela independência aclamaram D. Pedro I como príncipe regente. Atualmente, funciona no prédio a Câmara Municipal da cidade.

Na arcada da cadeia, foi edificado por Antônio Paes Cardoso da Silva um altar a Nossa Senhora da Lapa, apresentando mais uma vez a força da Igreja Católica no território cachoeirano, oportunizando aos presos que ali se encontravam a suplicarem ao divino pelo perdão dos seus erros através da fé.

Figura 13: Casa de Câmera e Cadeia e Praça da Aclamação



Fonte: Acervo pessoal da autora. Fotografia tirada em: 25-10-2022.

A Praça Vinte e Cinco de Junho (Figura 14) recebeu esse nome em homenagem à data magna do 25 de junho quando, em ato heroico, iniciaram-se as batalhas pela Independência do Brasil. As características únicas da praça marcam o processo urbanístico pelo qual Cachoeira passou no Brasil Colonial, que pode ser evidenciado no formato escultural de sua arquitetura, e no dinamismo das formas que manipulam o visual com o intuito de ampliar o cenário, com forte influência da arquitetura portuguesa em sua extensão panorâmica.

Figura 14: Praça Vinte e Cinco de Junho



Fonte: Acervo pessoal da autora. Fotografia tirada em 01-05-2022.

O capitão João Rodrigues Adorno e sua esposa D. Úrsula de Azevedo fizeram a doação das terras à Ordem Carmelita na pessoa do Fr. Manoel da Piedade, destinando-as a edificar um ponto de descanso para os religiosos missionários, tendo em vista que na metade do Século XVII a povoação da Freguesia do Porto da Cachoeira crescia no sentido da Ajuda, Matriz, Caquende, sobretudo, por estar nessa rota a construção do primeiro estabelecimento carmelita.

No desenho Urbanístico da cidade de Cachoeira, encontra-se inserido atualmente o Conjunto do Carmo (Figura 15), localizado na Rua Inocêncio Boaventura, antiga Rua do Carmo, formado pela Casa de Oração da Ordem Terceira do Carmo, a Igreja da Ordem Primeira do Carmo e o Convento do Carmo. Temos, como enfoque deste estudo, a Igreja da Ordem Primeira do Carmo, a qual está centralizada na Figura 15: gerar conhecimento sobre esse patrimônio cultural contribui para a formação histórica, identitária e social, e para a preservação da memória dos cachoeiranos.

Figura 15: Conjunto do Carmo

Fonte: Acervo pessoal da autora. Fotografia tirada em: 20-06-2022.



As imagens têm lugar de destaque no contexto aqui apresentado, com o propósito de comunicar determinada mensagem, abrangendo seu contexto histórico, fazendo sentido em conjunto. Contudo é necessário haver um relacionamento entre as imagens, os textos e a literatura para que sejam reveladas numa questão interpretativa (JOLY, 2002, p. 78).

As imagens apresentadas neste estudo compõem a formação identitária da sociedade cachoeirana, representando registros que revelam em sua materialidade informações que caracterizam a sua história. A construção do traçado urbanístico delimitado acima encontra-se além da mera representação, com sua abrangência e sua clareza. A característica da intencionalidade nas formas de sua apresentação permite que as imagens narrem a sua trajetória: uma experiência interpretativa, que evidencia a história, o tempo e o espaço, proporcionada pelos registros documentais e fotográficos – uma comunicação visual entre a imagem e a mensagem.

Através da interpretação histórica e geográfica na qual a Igreja da Ordem Primeira do Carmo de Cachoeira encontra-se imersa, foram articulados os significados factuais existentes na história da formação social da cidade de Cachoeira. A análise iconográfica

do espaço que a mesma integra proporciona o avanço do descortinamento de sua relação com a história, a religião e a arte.

Porém, para que a Ordem Carmelita fosse criada, houve em sua trajetória histórica marcos para a sua instituição. Dada a importância histórica e artística da cidade de Cachoeira, a seguir, apresentamos os caminhos enveredados pela Ordem Carmelita até sua chegada na Cidade, analisando seu percurso e ícones, tendo os seus membros (os frades) vivenciado o carisma da consagração de votos para a caridade.

OS CARMELITAS: HISTÓRIA, TRAJETÓRIA E SÍMBOLOS DO CARMELO

Figura 16: Frades Carmelitas



Fonte: Acervo pessoal da autora. Fotografia tirada em: 16-07-2021.

A historicidade da Igreja Católica, em sua perspectiva, buscava a relação da humana com o divino, inclusive através da arte. Trilhando os caminhos interpretativos e concretos da realidade, a arte e o sagrado comunicam-se através do abstratíssimo poder da fé, criando representações simbólicas que atribuem sentidos e significados nas interfaces do diálogo entre religião, arte e humanidade.

Única Ordem mendicante Oriental, a Ordem Carmelita chega ao Brasil com os colonizadores, por sua eficácia na ampliação doutrinal dos costumes e tradições católicas. Nesse contexto, incorporou elementos nas produções religiosas e se desenvolveu em várias regiões do país, com sua evolução influenciada por Portugal. Na cidade de Cachoeira, instalaram-se algumas Ordens católicas, como a franciscana e a carmelita. Damos enfoque para a Ordem Carmelita, à qual pertence o objeto deste estudo. De acordo com Prat (1942), dentre as Ordens religiosas estreitamente ligadas à formação histórica do Brasil, está a Ordem Carmelita, pois a mesma se difundiu de maneira ampla e está enraizada em territórios brasileiros com suas igrejas, capelas e ermidas sob a invocação de santos carmelitas.

Os Carmelitas assentaram-se em terras doadas pelos colonizadores donos de engenhos, João Rodrigues Adorno e sua esposa Úrsula de Azevedo; ergueram um convento com a Igreja da Ordem Primeira e, logo após, a Igreja da Ordem Terceira. Com a conclusão da obra, estava formado um dos conjuntos carmelitas mais belos do Brasil.

Através da análise seletiva iconográfica, composta pela arte e a fé, tecemos descrições a fim de buscar compreender o legado das características históricas da Ordem Carmelita e seu caminho até a cidade de Cachoeira, expressando a representatividade da arte e da religião em uma comunicação de valores e convicções atrelados a seus símbolos e ícones na sua trajetória pelo mundo.

3.1 HISTÓRIA DA ORDEM CARMELITA

A formação histórica da Ordem Carmelita inicia-se no Monte Carmelo (Figura 17). afirma: “desse primeiro momento é importante destacar determinadas imagens: a

montanha do Carmelo”, que se encontra localizada ao norte de Israel, com vista para o mar Mediterrâneo. O Carmelo tem um profundo significado religioso. “Carmelo, na língua grega, naturalmente mantendo o sentido originário da judaica, significa – púrpura ou carmesim –, como pressagiado na frase de um escritor, o muito sangue que derramaram depois os filhos de Elias em defesa da fé cristã” (COSTA, 1976, p. 17).

Figura 17: Monte Carmelo



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Monte_Carmelo. Acesso: 08 out. 2022.

Na sombra das matas que cobriam o monte Carmelo, esteve presente o ilustre patriarca Elias. Em sua vida de orações e de contemplação a Deus, Elias instituiu a vida monástica e deu celebridade ao Carmelo por conta dos milagres de suas profecias que se encontram relatadas na Bíblia.

Desde o fim do século III presta-se no monte Carmelo especial veneração à Virgem Maria, que os santos padres julgaram simbolizada na nuvem que se ergueu do mar por súplica do profeta Elias. O magnífico santuário que hoje se ergue no Carmelo é a sede principal da arquiconfraria de Nossa Senhora do Carmo (MATTOS, 1964, p. 4).

O monte Carmelo cruza fatos históricos e prodígios sobre si; por isso, tornou-se um santuário religioso, um lugar sagrado, com importância histórica e religiosa. Seguindo a vida no monte Carmelo, alguns eremitas viviam de orações e penitências em contato com a primeira criação de Deus: a natureza. Seguidores da vida de devoção do profeta

Elias e convertidos à fé cristã consagravam as suas vidas à oração e à Virgem Maria, posteriormente aclamada como Nossa Senhora do Carmo, quando esta devoção surgiu, no início Século XII.

Construíram uma capela e depois um mosteiro no monte Carmelo e seguiram um modelo de tradições e costumes ancorados em regras: “Sob o abrigo das cavernas do monte Carmelo permaneceram ainda os religiosos por dilatados anos” (COSTA, 1976, p. 18). Com o passar dos séculos, houve uma invasão dos muçulmanos, e os carmelitas foram perseguidos e expulsos, chegando fugidos à Europa; e o mosteiro se tornou um local abandonado.

Um homem por nome Berthold partiu para habitar novamente o mosteiro, fundando assim uma Ordem, originalmente nomeada de Ordem dos Irmãos Carmelitas da Bem-Aventurada Maria do Monte Carmelo, no Século XI. Considerado como prior geral, ele se tornou reconhecido pela Igreja como Bento, e reafirmava o exemplo do profeta Elias, confiando sua vida à Virgem Maria:

o mosteiro em abandono e ruínas, até que um cruzado da calábina, de nome Berthold, em cumprimento de um voto, ao ser mortalmente ferido em uma batalha travada contra os infiéis, foi habitar aquelas ruínas, reuniu monges dispersos e fundou a Ordem dos Irmãos Bem-Aventurada Maria do Monte Carmelo (COSTA, 1976, p.18-19).

A Ordem Carmelita, no alto do monte, construiu um convento nomeado Convento do Monte Carmelo, cercado por uma paisagem alterosa de floresta e obtendo outros irmãos que trabalhavam em prol da propagação da fé, como o “Santo Alberto, que adquiriu o honroso mérito título de legislador dos Carmelitas, é venerado em 8 de abril como santo da ordem” (COSTA, 1976, p. 19). Após consolidada a Ordem Carmelitana, “os papas Inocêncio IV, Eugênio IV, Pio II e Xisto IV adicionaram às obrigações dos carmelitas o ônus de trabalharem também na grande obra de salvação das almas, elevando assim sua agremiação religiosa à categoria de Ordem regular e mendicante” (COSTA, 1976, p. 19).

Propagando a vertente do cristianismo, a Ordem Carmelita escreve sua história secular, com seus membros sendo perseguidos, expulsos, divididos em ramificações e, como outrora, passaram a se estabelecer em uma missão de conexão entre a fé e a

humanidade, adaptando-se a novos cenários, estruturando seus alicerces na sustentação do que se era apregoado nas suas práticas.

Com seus fundamentos no Ocidente, originária da Palestina local onde houve a fundação da Ordem, expandiram-se para o Oriente, introduziu a sua estruturação em novos locais, apregoando em seu discurso o amor e a proteção na fé mariana, ganhando evidência e alcançando notoriedade.

As ordens religiosas de Observância votiva e vida claustral, sob o regime de uma regra ou constituição particular, dividiam-se em três ordens distintas: a primeira é a dos padres professos, de voto perpétuo, que vivem em comunidade claustral; a segunda a das freiras, com os mesmos votos, profissão e vida claustral e a terceira é puramente laica e composta por homens e mulheres casados, viúvos e solteiros, que não podendo fazer parte da primeira e da segunda, congregam-se em associação religiosa, trajando o mesmo hábito da ordem, e de conformidade com um regra ou estatutos especiais, também fazem o seu noviciado e solenemente professam (COSTA, 1967, p. 143).

Os carmelitas se ramificaram e obtiveram outras nomenclaturas, sendo os da antiga observância os mais remotos. Depois, advieram as ordens e suas regras, que muitas vezes divergiam entre si, porém, mantinham o mesmo propósito em favorecimento da fé carmelitana: A primeira regra era a de reclusão, já em 1237 a regra é reformada, e logo depois passa a ser mendicante e monástica.

A Ordem dos Irmãos da Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo; Ordem dos Carmelitas; Carmelitas da Antiga Observância; Ordem dos Carmelitas Observantes; Ordem do Carmo; os eremitas em sua maioria frades mendicantes que conduziram suas vivências à fé mariana; a Ordem Terceira do Carmo, constituída por componentes leigos da Antiga Observância unidos em convergência maternal que partilham da herança espiritual apregoada por Santa Teresa d'Ávila e São João da Cruz; e a Ordem dos Carmelitas Descalços, que surgiu na Espanha, da modificação proposta por Santa Teresa d'Ávila e São João da Cruz, no século XVI.

Os Carmelitas conventuais dividem-se nestas três classes: Observantes, que são os que permaneceram fieis às regras primitivas; Descalços, os que aceitaram a nova regra de Santa Teresa de Jesus e S. João da Cruz; e Reformados, os que abraçaram a reforma da província francesa de Turon. (...) Além das carmelitas da antiga observância, reformada depois segundo as novas constituições religiosas da província francesa de Turon, tivemos também os carmelitas descalços mendicantes, denominados padres Terésios, ou marianos de santa Teresa (COSTA, 1976, p. 21- 51).

3.2.1 Nossa Senhora do Carmo

A devoção a Nossa Senhora do Carmo (Figura 18) originou-se no Século XII, quando o grupo de eremitas instituiu a Ordem dos Carmelitas Mendicantes e passou a consagrar a Nossa Senhora do Carmo sua vida de orações e penitências no monte Carmelo. Nossa Senhora do Carmo é uma designação ofertada a Maria, Mãe de Jesus.

Figura 18: Nossa Senhora do Carmo



Fonte: Acervo pessoal da autora. Fotografia tirada em: 16-07-2021.

Como se pode observar na Figura 18, Nossa Senhora do Carmo encontra-se com o Menino Jesus no seu braço esquerdo, demonstrando a proteção maternal que se estende aos seus devotos nos perigos e aflições da vida: ela intercede junto ao Pai pelos humanos, para que possam vir a crescer em favorecimento da fé, da esperança e da caridade, seguindo seus ensinamentos. “Da Ordem religiosa do Monte Carmelo surgiu a Ordem

dos Carmelitas mendicantes instituída na Síria no Século XII; a consagração de N. S. do Monte do Carmo, dedicada ao tratamento dos enfermos e ensino das crianças canonicamente instituída por Xisto IV (1471-1484)” (COSTA, 1976, p. 21).

3.2.2 Simão Stock

“No século XIII, o membro carmelita mais ilustre foi o inglês Simão Stock (1165- 1265)” (LEONARDINI; BORDA,1996, p. 235). Simão Stock (Figura 19) nasceu na Inglaterra, em 1165, em família cristã, desenvolveu os princípios da religiosidade, intelectualidade e humanidade despertando o desejo de servir ao divino, e se dedicou à oração e à penitência levando uma vida eremita.

Figura 19: São Simão Stock

Fonte:https://www.pliniocorreadeoliveira.info/DIS_SD_660516_Sao_Simao_Stock.htm#.Y02LJXbMLIU

Simão Stok fundou inúmeros conventos no Ocidente, instituindo a Ordem do Carmelo em diferentes países. Segundo a narrativa da Ordem, ele teve um sonho profético com a Virgem Maria, ordenando-o a se consolidar com os monges que chegariam da Europa, expulsos do Oriente. Esperou na fé essa profecia se cumprir em uma vida de visitação aos enfermos e evangelização do povo.

Presume-se então que no Ocidente Simão Stock tenha sido o instituidor da Ordem do Carmelo em um século marcado pela aceleração histórica: retomada do comércio, da vida urbana, com a emergência dos leigos e das mulheres. É nesse contexto de secularização cultural que surgiram precocemente

-

antes

mesmo das ordens segundas (de freiras) -, as ordens terciárias, agremiações de leigos instaladas (ARANTES, 2011, p. 55).

Por conta de suas virtudes, São Simão Stock foi honrado como vigário de todas as províncias da Ordem Carmelita na Europa. Mesmo com toda essa expansão, a Ordem Carmelita passou por inúmeros encaços por outras ordens religiosas. Conforme explica a tradição carmelita, São Simão Stock chamou os Carmelitas para rezarem a Nossa Senhora pela Ordem, e, segundo a narrativa, em oração intensa, teve uma iluminação de Nossa Senhora cercada por anjos, mostrando-lhe o santo escapulário da Ordem Carmelita (Figura 20).

Figura 20: Escapulário Carmelitano



Fonte: <https://www.catholicismoromano.com.br/o-escapulario-carmelita-e-seu-alcance-teologico-por-padre-rafael-maria/> out 2022

Ainda de acordo com a crença dos irmãos, após a “iluminação” de Nossa Senhora do Carmo, concedida a São Simão Stock, o mesmo partilhou com os monges da Ordem Carmelita o escapulário como forma de acalmar e como resposta a todas as perseguições que a Ordem sofreu. Uma das promessas feitas por Nossa Senhora a Simão Stock foi: “Isto é para ti e para os teus um privilégio. Aquele que morrer com ele será salvo” (MENDONÇA, 2015, p. 6). Consistia num privilegio sabático, **pois, na crença da confraria**, aqueles que morressem usando o escapulário teriam suas almas livres do

purgatório: “a Confraria do Monte do Carmo, fundada com o fim de propagar a devoção do Escapulário, de conformidade com a bula *Universis, et singulis Christi fidelibus*, vulgarmente conhecida pelo nome de Sabatina, decretada pelo Papa XXII em 3 de março de 1322” (COSTA, 1976, p. 21).

O Escapulário é usado pelos religiosos e leigos que são devotos de Nossa Senhora do Carmo, na busca por proteção e intercessão, sendo entendido como parte do hábito Carmelita. Sendo assim, no sentido simbólico, o escapulário é o sinal da presença materna de Nossa Senhora do Carmo. Normalmente usado sobre o peito, indica o amor e a fé, remetendo o fiel à profunda e significativa devoção religiosa. Quem faz uso do escapulário obtém a intercessão da Virgem Maria na vida ou na morte, segundo a tradição secular carmelitana.

3.2.3 Santa Teresa d'Ávila

Nascida em Ávila, Espanha, no ano de 1515, em uma passagem da sua infância, Teresa fugiu de casa para evangelizar os mouros, estudou e se tornou religiosa no convento Carmelita de Encarnación, em Ávila. Caridosa e espiritualizada, cativava a todos com seu modo de ser. Teresa d'Ávila (Figura 21) saiu do Carmelo em Encarnación para instituir novas casas; porém, essa atitude não agradou a muitos que se posicionaram contrários a esse ato. Apesar disso, ela não se desmotivou e deu seguimento a sua missão.

Em 1533 ingressou na Ordem do Carmo. Com a aprovação de Pio IV, empreendeu a reforma de sua Ordem e fundou apesar de imensas dificuldades 32 conventos em toda a Espanha. Chamada pela Igreja, Virgem seráfica, a gloriosa reformadora da Ordem dos Carmelitas descalços (MATTOS, 1964, p. 6).

Figura 21: Santa Teresa d'Ávila



Fonte: <https://franciscanos.org.br/vidacrista/calendario/santa-teresa-davila/#gsc.tab=0>. Acesso em: 08 out. 2022.

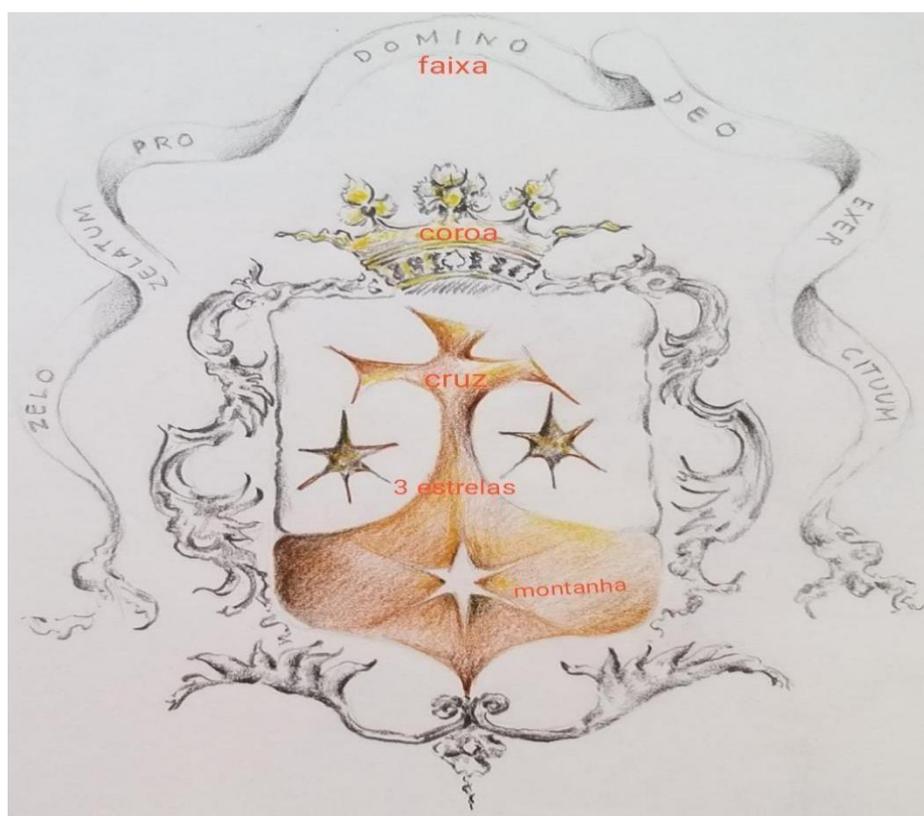
Santa Teresa alcançou a autorização de Roma no desenvolvimento das modificações do carisma, fez um voto pelo qual teria de se enveredar pela plenitude de estar o mais perto possível das normas consentidas pelo Carmo. Constituiu a nova Ordem das Carmelitas reformadas, aprovada pelo Papa Pio IV, consagrando a Deus solenes votos em uma vida penitente.

3.2.4 Brasão Carmelita

O brasão da Ordem Carmelita (Figura 22) abrevia a simbologia da história da Ordem, gera significados, e mescla na sua construção esclarecimentos do carisma, conciliando uma iconografia representativa através de sua imagem que destaca, identifica,

descreve e provoca variantes elucidações na sua composição. Sabe-se que não existe somente uma única explicação para a interpretação dos elementos identificados no brasão, porém, todas têm como base a história dos símbolos da Ordem, havendo assim uma tendência a fundir a sua iconografia. Destacamos esses elementos que narram e interligam os significados da iconografia do Carmelo:

Figura 22: Brasão da Ordem Carmelita



Fonte: Acervo pessoal da autora. Autor: Antônio Wilson Silva de Souza. Técnica mista: desenho a grafite e lápis de cor.

3.2.4.1 Faixa com a inscrição

O Profeta Elias, que era o modelo inspirador dos carmelitas, que seguiam seu estilo de vida, proferiu no Monte Carmelo uma frase, quando foi questionado por Deus sobre a sua fé. A frase virou lema dos Carmelitas e encontra-se no brasão: “Estou ardendo de zelo pelo Senhor Deus dos Exércitos” (1Re 19,10). A faixa envolve os outros

elementos do brasão formando uma moldura, o que era comum ocorrer na heráldica da época, e constitui um elemento que acentua o caráter ornamental típico do Barroco.

3.2.4.2 A Coroa

A coroa encontra-se no arremate do brasão, símbolo da Virgem Maria, mãe da Igreja e Rainha do Céu e da Terra. A coroa prefigura a majestade da Virgem, que intercede pelo povo perante o Pai.

3.2.4.3 A Montanha

Com curvatura inclinada para o alto do brasão, referência o Monte Carmelo, local em que se originou a Ordem Carmelita, e onde os Carmelitas buscavam vivenciar uma vida espiritual, inspirada no profeta Elias. “No Brasão, destaca-se ao fundo a presença do Monte Carmelo em marrom, como uma recordação do manto de Nossa Senhora” (LEONARDINI; BORDA,1996, p. 50).

3.2.4.4 As três Estrelas

O brasão carmelita traz em sua simbologia três personagens importantes na fundação do Carmelo, que brilham no céu como essas estrelas representadas no brasão. A estrela branca no centro do Monte representa a virgem Maria, e as laterais, Santo Elias e Santo Eliseu, haja vista que essa interpretação faz referência à ramificação dos carmelitas calçados: “As três estrelas simbolizam os fundadores (míticos) da ordem: a estrela isolada representa a Virgem do Carmo, as outras duas os profetas Elias e Eliseu” (LEONARDINI; BORDA,1996, p. 51).

Há, entretanto, outras compreensões para essas três estrelas, como a dos Carmelitas Descalços, que interpretam a estrela central como sendo a Virgem Maria e as laterais Santa Teresa e São João da Cruz. *“Um segundo escudo es empleado por los carmelitas descalzos; este tiene en la cima de la montañã, la cruz agregada por san juan de la Cruz em la época de la Reforma, la cual representa a Cristo”* (LEONARDINI; BORDA, 1996, p. 51).

Outras leituras também são possíveis, tais como a de reconhecer a Virgem Maria na simbologia da coroa.

3.2.4.5 A cruz

A cruz em cima da Montanha, a qual faz referência ao Monte Carmelo, representa a Terra Santa e a esperança de Cristo no perdão do Pai pelos pecados do povo. Simboliza para a Igreja o amor de Cristo que foi crucificado para a redenção do povo. A cruz é muito importante para o cristianismo: o seu geometrismo encontra-se composto por duas retas que se interceptam simbolizando a figura humana sendo ressignificada pela Igreja e pela Morte de Cristo, o qual foi apregoado em uma Cruz.

Através das análises feitas nos símbolos carmelitas, conseguimos reconstruir o percurso histórico entre o tempo, o espaço e o sagrado, realizado através da descrição dos seus elementos e de suas interpretações. Observando, articulando e explanando seus valores simbólicos para a Ordem Carmelita, esclarecemos fontes históricas iconográficas que foram produzidas através dessas imagens.

Enfim, a consolidação da Ordem Carmelita e a importância de seus símbolos contribuíram para a apregoação do Evangelho pelo mundo, fortalecendo as práticas da Igreja e destacando a Ordem Carmelita em inúmeros lugares. A Ordem Carmelita impactou sua doutrina mundialmente, ganhou inúmeros adeptos por onde se estabelecia e inseriu seu contexto doutrinário nos lugares em que habitava, afirmando suas crenças e as amparando nos pilares da devoção e caridade.

Os carmelitas transpassaram a sua cultura religiosa, ganharam notoriedade e difundiram a sua devoção mariana chegando à Europa e, logo após, à América através das expedições. Impulsionaram o processo de solidificação da fé católica com discursos

de salvação das almas alcançando novos territórios, o que é apresentado nos caminhos que percorreram até sua chegada na cidade de Cachoeira, no Recôncavo da Bahia.

3.3 CAMINHOS PERCORRIDOS ATÉ CACHOEIRA

Ramificados pela Europa, os Carmelitas chegaram até Portugal e se estabeleceram, alcançando a península Ibérica, professando a fé mariana. “A implantação da Ordem Carmelita em Portugal remete ao estabelecimento de alguns clérigos carmelitas no convento construído pela Ordem dos Militares em Moura” (BAYÓN, 2001, p. 34). Disputaram a primazia de idade de Nossa Senhora do Monte Carmelo com os jesuítas, alegando que a Ordem Carmelita se instaurou ainda nos tempos primórdios, como se faz referência na Bíblia, tendo o profeta Elias como seu grande fundador. “Calorosas disputas se entabocaram sobre este assunto entre os padres carmelitas e jesuítas. Disseram alguns que a Ordem Carmelitana havia começado depois do grande concílio latranense no ano de 1215 (...). No ano de 1140 fixam outros começos da Ordem” (COSTA, 1976, p. 20).

Constataram a sua antiguidade perante os jesuítas referenciando sua originalidade aos tempos bíblicos. Em Portugal, os carmelitas fundaram inúmeros mosteiros, como foi o caso do mosteiro de Vila de Moura no ano de 1251, e o mosteiro de Lisboa em 1389. Apregoando piedade e devoção, conquistaram noviços à Ordem, submetendo-os aos regimes e regras instaurados nos moldes da consagração.

Introduzida em Portugal e em grande expansão pelo país, e professando a fé ultramarina, a Ordem incorpora-se no processo de colonização da América por Portugal e chega em expedições ao Brasil.

Os Carmelitas chegaram ao Brasil por volta de 1580, em comitiva com os colonizadores portugueses, tendo a primazia de seu desembarque a Vila de Olinda, em Pernambuco. Após sua chegada, começaram a sua expansão por outras capitanias brasileiras. O primeiro grupo de frades foi liderado por frei Bernardo Pimentel, com o intuito eclesiástico de servir à coroa portuguesa na conversão e propagação do cristianismo. “Se os franciscanos foram os primeiros religiosos que pisaram em terras brasileiras, os jesuítas, os primeiros que se estabeleceram nas suas plagas, os carmelitas

foram os segundos, empenhando-se logo no serviço de catequese dos índios” (COSTA, 1976, p. 25).

Consolidando a sua participação na formação do país, os Carmelitas aumentaram seu crescimento fundando conventos, amplificando seu número de religiosos, catequizando e propagando a fé mariana em território brasileiro, estando localizados geograficamente nas seguintes regiões:

Pernambuco: Olinda - convento do Carmo (1583) e convento de Santa Tereza (1687), Recife (1631) e Goiânia (1636); em São Paulo: Santos (1589), Capital Paulista (1594). Mogi das Cruzes (1629) e Itú (1719); no Rio de Janeiro: Capital Carioca – Convento do Carmo (1590) e convento de Santa Teresa (1744) e Angra dos Reis (1623); Em Sergipe: São Cristóvão (1600) – que atualmente pertence ao mosteiro de São Bento; na Paraíba: João Pessoa (1608) e hospício em Lucena (1591); na Bahia: Cachoeira (Século XVII), Rio Real (1683) e hospício do Pilar em Salvador (1691); no Maranhão: São Luiz (1616); no Pará: Belém do Pará (1624) e no Espírito Santo: Vitória (anterior a 1685). Devido ao evidente crescimento da Ordem na América Portuguesa, foram instituídas três províncias: a do Rio de Janeiro, a da Bahia e a de Pernambuco (PEDRAS, 2000, p. 12-15).

Entre os Séculos XVII e XVIII, o Carmelo no Brasil, já bem distribuído por várias regiões, subdividiu-se em três províncias: Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia, fixando raízes nas regiões economicamente mais avançadas do Brasil. Com a sua missão eclesiástica pelo Brasil, a Ordem Carmelitana tornou-se autossuficiente de Portugal.

De acordo com Wermers (1963), “para tanto os frades alegaram que o Carmelo brasileiro contava com números suficientes de religiosos, instruídos e experientes para garantir a administração”.

Até então, tudo era resolvido pela província de Portugal, inclusive as nomeações dos vigários das províncias no Brasil, haja vista que existiam poucos, e parte deles não cumpria de maneira satisfatória suas obrigações: “Pela Bula Sacrosantum do Papa Clemente XI, de 22 de abril de 1720, foi a ordem carmelitana do Brasil separada da sua obediência à província de Portugal, com a elevação dos dois vicariatos do Rio de Janeiro e Bahia à categoria de províncias independentes” (COSTA, 1976, p. 29). Desenvolveram sua Independência de Portugal e contaram com doações de terras de grandes latifundiários na sustentação das obras, haja vista que se trata de uma ordem mendicante, a qual não possuía recursos para financiamentos. Passados os anos, instaura-se no Brasil o regime republicano e as Ordens monásticas passam por restaurações administrativas tanto nos bens acumulados quanto na admissão de noviços.

A província carmelitana no Brasil passa por um declínio e perde religiosos, chegando quase a ser extinta do país; porém, os poucos religiosos que permaneceram tinham o interesse de reerguer a província e reviver o carisma carmelitano no Brasil, assim o fazendo.

A lei Provincial n.º 15 de 7 de maio de 1836, concedeu permissão aos religiosos carmelitas para receberem trinta noviços brasileiros, - os quais devem ser educados na mais restrita conformidade com o seu instituto (...) Em virtude de tais concessões, foi aberto o noviciado e admitidos vários candidatos ao estado religioso, que chegaram à conclusão do curso, atingindo ao sacerdócio (COSTA, 1976, p. 59).

Diante de todo esse contexto histórico, da ascensão ao declínio e da sua reestruturação, a Ordem Carmelita passou por uma regularização eclesiástica na divisão territorial de seus conventos e mosteiros, empreendendo uma reorganização nas atividades pastorais. A esse respeito, Milton (1979, p. 361) afirma que “Esta divisão nos deixou no mesmo lugar, isto é, sob a jurisdição do arcebispo da Bahia”. E acrescenta: “Em 1892, o papa Leão XIII reorganizou a hierarquia eclesiástica do Brasil. Todo o território da República foi dividido em duas partes: a do Norte, e a do Sul. Do norte ficou sendo metropolitano o arcebispo da Bahia, do Sul o arcebispo do Rio de Janeiro” (MILTON, 1979, p. 362).

Os carmelitas passaram a se estabelecer na Bahia por volta de 1586, e contribuíram de maneira significativa na escrita histórica religiosa do estado. Tiveram papel importante no cenário provincial baiano e se tornaram responsáveis pela administração geral do Carmo no Brasil, em 1630, quando os holandeses invadiram a província de Pernambuco praticando o protestantismo.

Foi no convento de Santo Antônio do Carmo da vila de Olinda, pela sua antiguidade e primazia de fundação, cabeça da Vigaria da ordem no Brasil, e nele residiam os seus respectivos prelados provinciais até o ano de 1630 em que os holandeses se assenhoraram de Pernambuco, e os religiosos se viram forçados a abandonar o seu convento recolhendo-se todos ao da Bahia (COSTA, 1976, p. 28).

Os carmelitas construíram no Alto do Carmo, em Salvador, uma igreja e um convento com data aproximada de 1586. No ano de 1624, os holandeses teriam invadido Salvador, e o convento do Carmo serviu como quartel de resistência. Com sua grande

estrutura provida de portas reforçadas, os invasores não obtiveram sucesso e foram vencidos, tendo a assinatura de sua rendição feita na sacristia da igreja do Carmo de Salvador.

Frei Prat (1964) diz que o tratado que pôs fim à primeira luta contra os holandeses foi assinado no quartel do Carmo pelo vencedor D. Fradique de Toledo. O Carmelo baiano buscava o progresso, elevação cultural e religiosa através das missões: foi assim que contribuíram de forma ativa para a conversão das almas.

Percorreram toda a capitania e seus afluentes, empenhados em semear a civilização, obtida na Divina Palavra. Expandiram-se para o interior e chegaram a Cachoeira, no Recôncavo da Bahia. “A presença carmelita na Bahia restringiu-se a Salvador e a Cachoeira. Sua ação missionária e suas terras, nos séculos XVIII e XIX” (FLEXOR, 2010, p. 55).

Na cidade de Cachoeira, a Ordem Carmelita instalou-se em sua missão doutrinal: “Contendo as inúmeras casas de missão, que os religiosos tinham na Bahia, como Cachoeira, que teve como principal missionário o Fr. José de Jesus Maria” (PRAT, 1964, p. 09). Evangelizavam os índios e criavam aldeias para agrupar os que eram encontrados espalhados pelas terras do Recôncavo.

Por doações do capitão João Rodrigues Adorno e sua esposa d. Úrsula de Azevedo, em 14 de março de 1688, data considerada, fundou-se o convento do Carmo na cidade de Cachoeira. Obteve como seu fundador o Rev. P. Frei Manoel da Piedade, glorioso carmelita e exemplar religioso nas ações missionárias e civilizadoras. “Para cumprir a finalidade principal de fundação, os carmelitas cedo começaram a árdua tarefa de evangelizar os índios e atender espiritualmente aos colonos que, cada vez em maior número, se estabeleciam nos sertões de Cachoeira” (CALDERÓN, 1976, p. 12).

O conjunto Carmelita em Cachoeira destacou-se por sua importância nas obras missionárias e por sua magnífica estruturação arquitetônica, ocorrida no seu percurso secular. O conjunto do Carmo de Cachoeira atribui significados à identidade cultural local e pode causar em seus espectadores o deslumbre do desejo de contemplação entre a natureza e o divino.

3.4 CONJUNTO DO CARMO DE CACHOEIRA

O Conjunto do Carmo de Cachoeira (Figura 23) inclui o convento do Carmo, fundado pelo frei Manoel da Piedade, representante dos Carmelitas na cidade. Foi, em seu primeiro momento, um hospício de repouso dos irmãos. No ano de 1688, ocorreu sua demolição e se instituiu o convento composto pela Igreja da Ordem Primeira do Carmo. A família Adorno, protagonista da colonização na cidade de Cachoeira, através de seu poder financeiro e territorial, fez doações para essas construções religiosas: “onde ergueram o convento em terreno doado” (FLEXOR, 2010, p. 36).

Figura 23: Conjunto do Carmo de Cachoeira, 1957



Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/cachoeira/historico>. Acesso em: 20 fev. 2021.

Com enfoque em terras doadas para os carmelitas pela família Adorno, buscava-se no poder da Igreja o fomento da fé católica na região. Ao final do Século XVII, houve uma ampliação dos carmelitas no território baiano em missão evangelista, com o sustento da coroa portuguesa. Em 1700, a família Adorno faz uma nova doação de terras ao lado

da Igreja da Ordem Primeira do Carmo, e se ergueu a Venerável Ordem Terceira do Carmo, criando assim um dos mais belos conjuntos arquitetônicos do Brasil.

No que se refere à estrutura organizacional, a Ordem Terceira era a Ordem dos Cívicos ou dos Leigos, formada por abastados, ou seja, pela elite local: senhores de engenho e fidalgos portugueses. Já a Ordem Primeira, junto ao Convento, era a ordem dos freis da Ordem Carmelitana. O Convento era um local de repouso e formação de novos freis. Além disso, o Conjunto do Carmo serviu para outras utilidades. Em períodos de cheias do Rio Paraguaçu, abrigava as comunidades do entorno que necessitavam de abrigo. Também foi utilizado como hospital para abrigo dos enfermos que lutaram em Cachoeira pela independência do Brasil (SANTANA, 2012, p. 23).

Construiu-se sua estruturação por doações e vendas de sepulturas; chegou a se transformar em ruínas, sem manutenção, decorrentes de todo seu legado e das proibições que a Igreja passava no Brasil, inclusive de ingressos a noviços em suas dependências e, posteriormente, a separação do Estado e da Igreja, quando o Brasil se tornou uma República erguida.

O convento do Carmo de Cachoeira passou por inúmeras transformações no decorrer dos séculos, obtendo suas ornamentações extraviadas e resumidas a ruínas, em total abandono. Até entrar em declínio, enfrentou também muitas cheias do rio Paraguaçu e foi de suma importância nas lutas pela independência da Bahia, pois nele abrigaram-se as tropas revolucionárias.

Depois de meio século de tumultuosas ocupações, quase sem frades que pudessem reparar os destroços causados pelo tempo e pelos ocupantes civis e militares, que, evidentemente não eram os mais recomendados para conservar uma casa religiosa e uma igreja como a dos Carmelitas cachoeiranos, não é de surpreender o estado em que se encontrava em 1866 (CALDERÓN, 1976, p. 30).

Essa situação caótica da Ordem Carmelita na cidade de Cachoeira é relatada por Calderón (1976), que afirma: “Em 1890 existiam na província apenas seis membros da outrora numerosa ordem carmelita”. O então provincial da Bahia, Frei Inocêncio do Monte Carmelo Senna, solicitou religiosos para reforçarem os membros. Logo os encaminhou para as obras de reparos do convento, para torná-lo habitado como outrora. “Nem outro monumento no Recôncavo merece, mais do que o Convento do Carmo da Cachoeira, uma urgente e cuidadosa restauração e um destino condigno com sua história e seu valor artístico” (CALDERÓN, 1976, p. 33).

Construído em torno de um claustro e constituído em um formato quadrilátero com um jardim ao meio, o convento (Figura 24) obtém 9 (nove) alas, refeitório, cozinha, 2 (dois) salões, catacumbas desativadas, recepção e demais dependências. Nele, os religiosos viviam em clausura de votos religiosos, buscando se exilar do mundo em um clima de recolhimento e orações de comunhão com Deus. “Este claustro de arcos rebaixados, sobre colunas octogonais e paredes luminosamente brancas, cria um ambiente de singular plasticidade e recolhimento” (CALDERÓN, 1976 p. 41).

Figura 24: Parte interna do Convento



Fonte: Acervo pessoal da autora. Fotografia tirada em: 20-06-2022.

A Igreja da Ordem Primeira do Carmo (Figura 25), que compõe esse conjunto, encontra-se localizada na parte central da edificação. Erguida juntamente com o convento, nela eram ministradas as missas e celebrações de devoção a Nossa Senhora do Carmo pelos frades Carmelitas.

Com poucos recursos existentes e pelo fato de os carmelitas viverem uma vida de doações, a Igreja teve seu processo de construção lento, com sua fundação no Século XVII, passando por demolições e reformas até sua data de conclusão, que se encontra no

frontispício: 1773, Século XVIII. Há, assim, um dualismo de estilos nesse frontispício com ascendência Barroca e traços do Rococó. “Evidentemente, a igreja teve sua construção bastante demorada, como demonstra o estilo da fachada e a data de conclusão do belo frontispício rococó, 1773, ali colocada; nesta data, foi feito também o coro, hoje desaparecido” (CALDERÓN, 1976, p. 15).

Figura 25: Fachada da igreja da Ordem Primeira do Carmo



Fonte: Acervo pessoal da Autora. Fotografia tirada em: 20-06-2022.

A Ordem Primeira, que trouxe a devoção a Nossa Senhora do Carmo, no declinar do século XVI lançou sua semente no solo fértil cachoeirano. Com ela, os carmelitas viabilizaram a criação da Venerável Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira que, de 1691 aos dias atuais, tornou-se herdeira do trabalho carmelita, compondo, com sua capela, o maior conjunto arquitetônico da cidade (FLEXOR, 2010 p. 57).

A venerável Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira foi erguida em um terreno doado pelos irmãos carmelitas, no qual já teria uma capela, a de Santa Tereza no interior

do convento, construída após o convento e a igreja da Ordem Primeira (Figura 26). A Ordem Terceira do Carmo se tornou parte da união religiosa de leigos, que constituíram uma irmandade para a prática da caridade. Todas as Ordens Terceiras estavam associadas a uma Ordem Primeira, com devoção semelhante a Nossa Senhora do Carmo.

Figura 26: Fachada da Igreja da Ordem Terceira do Carmo



Fonte: Acervo pessoal da Autora. Fotografia tirada em: 20-06-2022.

Segundo Flexor (2010, p. 65.), “Por escritura de doação, passada em 1702, Adorno legalizou a posse do terreno, onde seriam levantados a capela, a sacristia e o consistório, anexos ao Convento do Carmo”. Favorecido, tornou-se irmão da Ordem Terceira e assumiu cargo de prior, sendo designado a estar à frente da Ordem.

Não era, porém, obra da Providência Divina que na eleição do primeiro Prior desta nova ordem a maioria dos votos caísse em João Rodrigues Adorno II. A providência “Carmelitana” ajudava muito no resultado da eleição, apresentando sua “chapa” encabeçada pelo adorno (OTT, 1977, p. 157).

Na sua construção, não existem registros que possam comprovar o primitivo planejamento arquitetônico da Ordem Terceira do Carmo, pois não havia arquitetos por

essas áreas: utilizou-se da mão de obra de pedreiros, carpinteiros e escravos que eram doados pelos irmãos da Ordem para sua construção.

A primeira fase das obras da Ordem Terceira do Carmo não foi feita com orientações de profissionais. Na capital, Salvador, já se construía fachadas barrocas como a da Ordem 3ª de São Francisco. “Mas o Recôncavo sempre ficava atrás do progresso da Capital e os velhos que mandavam em Cachoeira achavam este novo estilo mundano” (OTT, 1977 p. 162).

Com o passar dos anos e as contribuições que já eram dadas pela capital da Bahia, as formas primitivas e singelas da fachada sofreram modificações na sua estética, e o seu interior recebeu revestimentos com obras de ouro entalhadas, haja vista que a parte interna divergia com a parte externa em teor de magnitude. “Vendo revestido o interior da igreja com uma decoração tão pomposa, perceberam como a fachada agora destoava daquilo” (OTT, 1977 p. 166).

Figura 27: Capela-Mor Igreja da Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira



Fonte: <https://sanctuararia.art/2015/08/22/igreja-da-ordem-terceira-do-carmo-cachoeira-ba/>. Acesso em: 04 abr. 2022.

O conjunto do Carmo representa, na História de Cachoeira, o estabelecimento arquitetônico de estilo barroco e Rococó que se introduz socialmente através da arte e da fé, apresentando, através de crenças, valores e sentimentos a sua história de transformações impostas pela sua época, tornando-se visível e expressando a amplitude desses seus conectivos, sendo representativos em detrimento da fé.

Segundo Calderón (1976, p. 17), “o conjunto arquitetônico composto pelo Convento, pela Ordem Primeira e pela Ordem Terceira do Carmo, de estilos e épocas diferentes, inestimável como monumento artístico, está intimamente ligado ao desenvolvimento histórico da cidade de Cachoeira”.

O estudo iconográfico do frontispício da Igreja da Ordem Primeira do Carmo de Cachoeira, que acontece no decorrer deste estudo, visa, mediante a investigação dos símbolos que a compõem, apresentar a historicidade e a sua importância para o universo simbólico religioso da cidade de Cachoeira.

4 UM OLHAR ICONOGRÁFICO SOBRE A IGREJA DA ORDEM PRIMEIRA DO CARMO DE CACHOEIRA

“A influência do movimento orgânico, a influência da perspectivação e o cuidado com a impressão visual do espectador. Estes três fatores têm uma coisa em comum: todos pressupõe o reconhecimento artístico da subjetividade” (PANOFSKY, 2009, p. 138).

O frontispício da Igreja da Ordem Primeira do Carmo (Figura 28), faz parte da frontaria arquitetônica da cidade de Cachoeira. Expõe, através de suas características, o reflexo visível dos elementos que a compõem, e apresenta informações históricas, artísticas e sociais que se projetam mediante os princípios arquitetônicos na face do edifício. O método de Panovsky, escolhido para essa análise, “É o ramo da história da arte que trata o **tema** ou a mensagem das obras de arte em contraposição à sua forma” (PANOFSKY, 2001, p. 54).

Figura 28: A igreja



Fonte: Acervo pessoal da autora. Fotografia tirada em: 10-10-2022.

Para melhor entender o objeto principal do presente estudo, que é a leitura iconográfica dos símbolos que compõem o frontispício da igreja, julgamos significativo e necessário fazer uma reflexão sobre a sua arquitetura, considerando o contexto de onde se origina o tema específico deste trabalho acadêmico. Assim, neste capítulo, tratamos com ênfase iconográfica a arquitetura e o frontispício da Igreja da Ordem Primeira do Carmo de Cachoeira.

Destacamos também os múltiplos relacionamentos entre a arquitetura e o espaço dentro da sua estrutura urbanística, estética e dimensional. Buscamos entender melhor as relações existentes entre a edificação, seu entorno e os seus símbolos, que compõem a história local. A culminância de princípios para a formação da sociedade cachoeirana engloba uma sistematização urbanística que conduz à fé.

Atribuímos primordialmente nesse estudo atenção ao detalhamento de seus símbolos e ícones, que adquirem importância no cenário histórico, artístico e social da cidade. Nos termos iconográficos de Erwin Panofsky, deve haver uma investigação das condições históricas do objeto a ser analisado para, deste ponto, serem identificados seus significados, partindo do pressuposto compreensivo de suas etapas.

Buscamos, portanto, a percepção do que é apresentado, neste caso, a arquitetura do edifício e seu frontispício, para alcançar o seu significado e as mensagens que perpassam. Posteriormente, conseguimos interpretar as correlações históricas e religiosas, na amplitude de simbolizar o que é exposto não isoladamente, mas aprofundando essas etapas para a obtenção do nível de compreensão de seu significado atrelado à religiosidade.

É necessário referenciar o método de Panofsky, porque foi à luz de seus passos que almejamos realizar a análise iconográfica, trazendo em seus elementos vertentes estéticas que caracterizaram essa edificação com seus símbolos decorativos que correspondem a conceitos religiosos pomposos e de fausto esplendor, que apregoam no detalhamento de sua arquitetura a magnitude do poder divino.

O desenho arquitetônico da Igreja da Ordem Primeira do Carmo possibilita a compreensão adequada dos significados que estão explícitos nas múltiplas formas que o compõem, e traduz seus valores histórico, social, religioso e cultural evidenciados na

produção artística exibida e na realidade religiosa que compõe os símbolos e ícones que são apresentados.

A possibilidade compreensiva e descritiva de seus conteúdos conserva a sua forma e expressividade, intensificando e reafirmando o motivo da sua origem naquele contexto em que está inserido. O desenho do frontispício, com suas formas, causa o afloramento de sensações que permitem ser percebidas visualmente e ao tato, nas movimentações transmitidas em sua estrutura.

A principal característica dessa arquitetura pode ser identificada através de suas curvas abundantes e do excesso de ornamentos côncavos e luxuosos, adquirindo mais verticalidade e movimento, aberturas inusitadas e relevos, mostrando e afirmando a grandiosidade da concepção de beleza que é exposta através da mesma.

Heinrich Wolfflin, historiador da arte e aporte teórico deste estudo, parte do pressuposto da visualidade da obra. Na historiografia da arte, há um confronto entre os movimentos artísticos, no caso específico do frontispício da Igreja da Ordem Primeira do Carmo, que sucedem o período do Barroco para o Rococó.

Há um cultivo técnico das expressões estilísticas barroca e rococó que se encontram presentes nessa análise. Valentim Calderon contextualiza a estilística dessa fachada sofrer influência do Rococó Português, justificado pela análise iconográfica de Panofsky, a partir dos símbolos que compõem o frontispício.

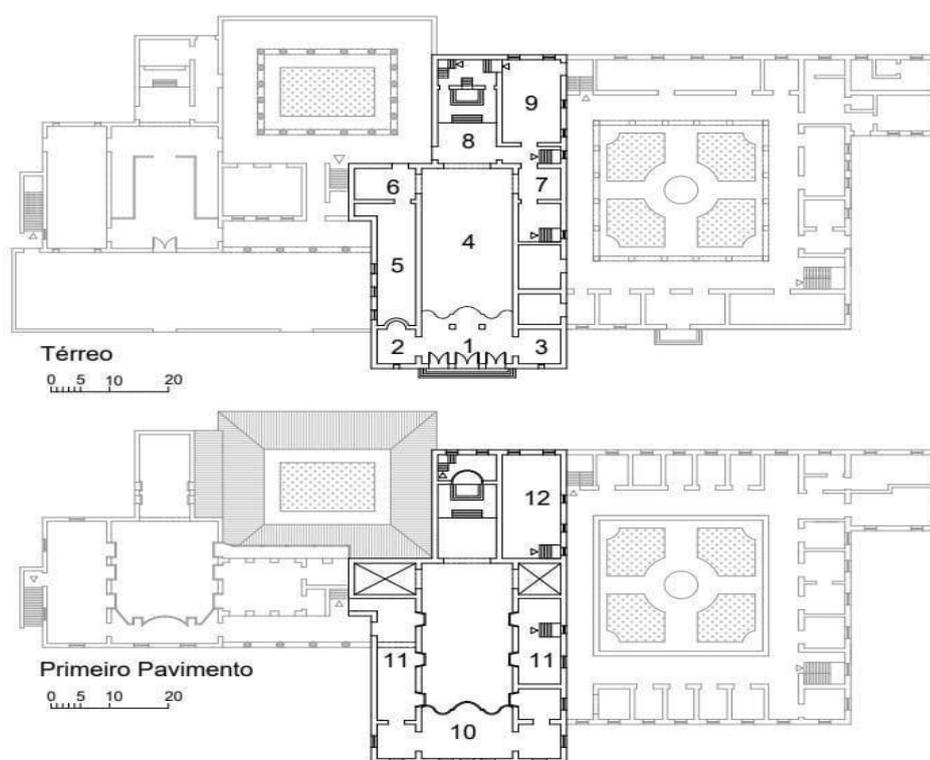
4.1 ARQUITETURA DA IGREJA DA ORDEM PRIMEIRA DO CARMO DE CACHOEIRA

Situada em plano elevado, sobre um alicerce de pedra, a arquitetura da fachada da Igreja da Ordem Primeira do Carmo de Cachoeira, em evidência, une-se à escadaria de pedras estáticas e coloração escura no seu revestimento, a qual apresenta, junto com toda a estrutura física, características seculares. Adquire, assim, entre razões cronológicas, emocionais e sistematizadas a sua pluralidade natural, que conduz os espectadores para o mais próximo do templo e à arte apresentada nessa arquitetura, mediante valores que podem ser considerados imensuráveis em sua divisão.

A planta baixa da Capela da Ordem Primeira do Carmo (Figura 29), segundo o livro “História, Arquitetura e Ornamentação”, foi desenhada por Samantha Úrsula Sant’Anna em 2020, e se encontra da seguinte forma:

A planta baixa do templo, em destaque, nos apresenta o térreo e o primeiro pavimento. No térreo estão a galilé (1) ladeada pelo batistério (2) e pela torre sineira (3), a nave única (4), o corredor lateral (5), as antigas capelas de Santa Teresa (6) e do Santíssimo Sacramento (7), a capela-mor estreita e profunda (8) e a sacristia (9). No primeiro pavimento estão o coro (10), a galeria de tribunas (11) e o consistório (12) (SANTIAGO; ALMEIDA, 2020, p. 64).

Figura 29: Planta da Capela da Ordem Primeira do Carmo



Fonte: Desenho de Samantha Úrsula Sant’Anna, 2020 (SANTIAGO; ALMEIDA, 2020, p. 63).

A Igreja do Convento dos Carmelitas contempla, na sua planta arquitetônica, corredores largos com tribunas e a capela-mor em profundidade, que se encontra destacada e obtém portas laterais no seu altar. Espaçosa e iluminada por grandes janelas do coro, a igreja notavelmente se destaca interna e externamente, podendo ser contemplada por diversos lugares da cidade e até mesmo de outros limites geográficos (Figura 30).

Figura 30: Visão panorâmica da Igreja do Carmo a partir da Cidade de São Félix



Fonte: Acervo pessoal da autora. Fotografia tirada em: 22-05-2021.

Com seu cenário espacial peculiar que integra o complexo arquitetônico Carmelita, a Igreja da Ordem Primeira do Carmo traz em suas linhas e curvas elementos que reúnem na mesma fachada o Barroco e o Rococó, sendo que este último estilo se incorpora na parte interior da igreja e na sua fachada. Pode ser visto nas balaustradas e nas portas grandes, com seus arcos suavizados, e nas cores predominantes da igreja, branco e amarelo, que remetem à leveza e sutileza que caracterizam o rococó. A simetria equilibrada e saliente entre as divisórias das janelas da Igreja conduz com qualidade perceptiva o espectador a contrapor sua estrutura ornamental.

Os elementos representativos, com características rítmicas do rococó, adentram as contracurvas espaciais que contornam as partes sobrepostas dessas janelas, viabilizando a percepção visual. O adorno superficial da parte mais alta dessa fachada contrasta-se com as formas simples e sólidas das pilastras do arco da entrada, o que vem repetir em Cachoeira um motivo frequentemente usado nas construções à beira-mar, na capital (SMITH, 1954, p. 20).

A fachada está direcionada para o Rio Paraguaçu, e a paisagem natural que ainda compõe a parte posterior, mesmo tendo construções de residências, exalta e inspira a espiritualidade terrena, vislumbrando no espectador o imaginário e a diversidade expressos nos elementos que são expostos.

Elas podem ser tratadas como formas de representação ou como formas de visão de mundo: nestas formas a natureza é vista, e nessas formas a arte manifesta conteúdo (...) Qualquer tipo de reprodução da natureza move-se dentro de um esquema decorativo. A visão linear está permanentemente unida a uma certa noção de beleza; o mesmo ocorre com a visão pictórica (WOLFFLIN, 1984, p. 17).

O contraste com a natureza e as regiões marítimas, condicionam-na a estar nesse lugar que fortalece o acolhimento com a criação, e que gera propósitos existenciais em busca da unificação entre o homem, a fé e a natureza. Esses elementos criam em sua estrutura o alastramento ornamental mediado pela religiosidade comungada com a sociedade que a rodeia, entrelaçando arte, paisagem e sociedade no mesmo espaço.

Um das principais características da arquitetura da Igreja da Ordem Primeira do Carmo são os símbolos que fazem correspondência com conceitos católicos em seus espaços decorativos. Em sua centralização espacial, a igreja propõe ao espectador um olhar tridimensional de suas partes subdivididas, como podemos observar na Figura 31, abaixo:

Figura 31: Fachada da Igreja da Ordem Primeira do Carmo



Fonte: Acervo pessoal da autora. Fotografia tirada em: 18-02-2021.

As distribuições podem ser facilmente tocadas na sua parte inferior – a qual dá sustentabilidade a toda essa estrutura – pelo espectador que se aproxima dessa fachada, tendo a natureza de prevalência que se comunica entre a ótica e a táctil. Os ornamentos que compõem a arquitetura da fachada se articulam em curvas e contracurvas que projetam o desenvolvimento imaginário do autor da obra. As intervenções ornamentais em seus espaços ocupam uma função relevante na criação dessa arquitetura monumental. Entretanto, na sua parte superior, os efeitos adornais da estrutura física se tornam descontextualizados em simetria, justamente pelo fato de, em sua composição, haver apenas uma torre: “A única torre colocada à direita, atrás da fachada atual da Igreja, está coroada por um bulbo com pequenas saliências sobre uma cúpula. O frontão, cristado de flamas, reflete a influência chinesa tão sensível no rococó português” (CALDERÓN 1976, p. 16). Essa única torre faz com que o espectador, ao olhar o frontispício, desvie sua percepção para a diagonal, contrapondo o efeito perceptivo do todo para o alto, tendo também a sua projeção encontrada ao fundo do frontão.

Elevada ao nível da rua, a igreja encontra-se assentada em dois pavimentos de escadarias (Figura 32) na sua posição frontal: o primeiro lance de escadas atinge uma extensão horizontal que abrange a fachada da Ordem Terceira do Carmo, obtendo em sua base três degraus. O segundo lance de escadas, em sobreposição e sem extensão no seu formato retangular escalonado, contém na sua base estrutural quatro degraus até o patamar de granito no qual encontram-se o galilé e seus embasamentos estruturais.

Figura 32: Escadaria da Igreja da Ordem Primeira do Carmo



Fonte: Acervo pessoal da autora. Fotografia tirada em: 15-03-2021.

As tramas das pilastras respeitam as subdivisões da fachada pelas cimalthas, correspondendo na primeira ao galilé com as portas e a segunda obtém as janelas com seus ornamentos. Sobrepostos, encontram-se o frontão e a torre em recuo. Com sutilidade e elegância, as cinco janelas retangulares preenchem com leveza os seus específicos tramos: as janelas centrais, em seus ornatos, conseguem diferir das demais em seu molde, sendo perceptível na ondulação e espessura do desenho central desses adornos.

As janelas (Figura 33) estão em altura significativa nessa fachada, decorrente da magnitude da igreja. Com isso, não permitem que o espectador de fora consiga enxergar o seu interior nem os fiéis que estão dentro se desliguem do que está sendo apresentado. Seus vidrais não contêm ornamentações, permitindo que a luz resplandeça em seus espaços.

Na segunda subdivisão dos frontispícios das matrizes, que alguns autores denominam “estilo nacional português”, é fácil notar que dois fatores novos intervêm: em primeiro lugar, a adoção da alvenaria de pedra para as construções e, em segundo, o “amolecimento” das formas, anteriormente explicado. Assim, se a volumetria continua sem maiores alterações já se teria não só edificações de mais forte presença, moduladas pelos cunhais e cimalkas de pedra com frontões passam a incluir curvas e contracurvas que, em muitos casos, efetivamente lembram a adaptação de um vocabulário formal de inspiração portuguesa (MELLO, 1985, p. 154-155).

Figura 33: Janelas da Igreja da Ordem Primeira do Carmo



Fonte: Acervo pessoal da autora. Fotografia tirada em: 15-03-2021.

A cimalka em linha reta, com marcante presença no entablamento, projeta-se nas divisórias da fachada e protege as paredes contra as águas da chuva. No entanto, a simetria barroca nas cimalkas em composição com o frontão apresenta uma torre fora do eixo, em recuo ao frontão. Interrompendo o término da nave, que se encontra em empena, a torre com base quadrada ao lado do evangelho, seguida de uma cúpula e arremate bulboso, encontra-se sustentada por pilastras que transparecem em seus ângulos uma abertura em vertical, na qual se podem visualizar o sino e a cruz que coroam a empena (Figura 34).

Julgo, porém, que é justamente o contraste entre o eixo de simetria comum ao adro e à fachada e o deslocamento da torre, que permanece impressionantemente solidária à composição, o que dá a essa tipologia arquitetônica desenvolvida no Nordeste um vigor surpreendentemente e moderno (CAMPELLO, 2001, p. 53).

Figura 34: Parte superior da Igreja da Ordem Primeira do Carmo



Fonte: Acervo pessoal da autora. Fotografia tirada em: 15-03-2021.

A criação arquitetônica da fachada da Ordem Primeira do Carmo condecora nas suas formas o uso do óculo, na forma geométrica de círculo, que se encontra desenhado em uma formação triangular: um no frontão e os outros dois postos à esquerda e à direita, que podem ser caracterizados por serem elos que consistem no enaltecimento da Santíssima Trindade, o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Esses elos podem ser visualizados também nas três portas frontais que passam ao espectador a sensação de estar nos átrios de Deus. Vão se articulando no volume, no espaço e nas dimensões, que podem ser acentuados em suas três arcadas centrais, comportando a entrada principal da igreja. Os óculos transmitem a sensação de estar

sendo visto pelo Deus transbordando o sentimento de acolhimento e amor, sendo alcançado por estar naquele lugar.

O frontispício monumental híbrido, em estilo Barroco predominante, porém com traços do Rococó, causa sensações em decorrência de seus referenciais, destacando a cenografia artística e celebrando o estilo barroco e seu esplendor, que integram junto à paisagem o sentido de estar mais próximo do divino. “Até em suas manifestações avançadas do barroco e do rococó, passando pelas construções religiosas monumentais da segunda metade do século XVII” (CAMPELLO, 2001, p. 133).

O desenho arquitetônico da Igreja da Ordem Primeira do Carmo, contrapondo-se aos casarões ao entorno, gera nos espectadores uma correlação inevitável de que se completam e se integram na configuração do centro urbano (Figura 35). Esses casarões, caso sejam modificados ou desconstruídos seus moldes, podem gerar uma distorção no seguimento arquitetônico colonial, sendo refletida na estrutura arquitetônica da Igreja em uma perspectiva visual mais abrangente.

Poderíamos ver aí, nessas incongruências estilísticas, que aos nossos olhos de hoje assumem um outro valor- não mais vinculado ao desenvolvimento linear de regras e normas cultas, mas ao choque com as dificuldades e forças expressivas ligadas a um novo meio - o modo como a arquitetura portuguesa, adaptada ao ambiente (...) foi dando lugar ao surgimento de mais um segmento diferente (CAMPELLO, 2001, p. 120).

Figura 35: Rua Floriano Peixoto

Fonte: Acervo pessoal da autora. Fotografia tirada em: 15-03-2021.

O crescimento pouco ordenado das residências diverge com os casarões remanescentes da época colonial, evoluindo a arquitetura residencial no processo urbanístico natural dos séculos, ampliando as casas com formas mais simples, térreas, e diminuindo o número de sobrados que convergem com a arquitetura da fachada da Igreja da Ordem Primeira do Carmo.

Atribuem-se a esse processo expansivo as construções modificadas no decorrer de décadas, ao gosto popular. As informações visuais se unificam em um campo de visão mais amplo, gerando efeitos no conceito da beleza arquitetônica barroca colonial, que criam uma relação interdependente. Entretanto, não se descontextualiza do cenário urbano exposto. “Inúmeros outros sobrados, de linhas menos imponentes, mas nem assim de menor elegância nas proporções, poderiam ainda ser relacionados, bem como diversos outros conjuntos de casas térreas de agradável e harmoniosa composição, situados em variadas áreas” (MELLO, 1985 p. 120).

A arquitetura da fachada desempenha o papel de compor cenograficamente a interação entre o homem, a arte e a fé, correlacionando-os no poder da criação de Deus,

conferindo-lhes uma esplêndida estrutura que integra o molde urbanístico da cidade de Cachoeira. Cada símbolo composto na fachada traz consigo sentidos que configuram a importância desses objetos sacros para a manifestação da fé.

Seu caráter relevante na formação histórica, artística, cultural e religiosa encontra-se representado nas dimensões visuais do contexto arquitetônico ali localizado. Os símbolos comunicam-se, interagem e unificam os sentidos em um conjunto no qual exibe-se o sagrado, representando-o através de seus significados e valores no sistema simbólico religioso.

4.2 O FRONTISPÍCIO DA ORDEM PRIMEIRA DO CARMO DE CACHOEIRA: ANÁLISE ICONOGRÁFICA

Influenciada pelo estilo barroco com traços rococó, em exuberante estrutura, a fachada da igreja da Ordem Primeira do Carmo reúne símbolos que se caracterizam pela influência religiosa. O barroco, resultado da arte colonial brasileira, adveio da Europa a serviço da Igreja Católica, e se encontra nesse frontispício como meio de comunicação intencional.

Em uma linguagem simbólica visual, o barroco adveio ao Brasil com força de unir a Igreja e a sociedade com seu exagero de formas, englobando em seu fazer estilístico a caracterização específica e funcional que foi produzida no Brasil em várias localidades, representando a identidade cultural dessas regiões onde o barroco se firmou.

O Rococó ornamentalista, manifestação artística reconhecida mundialmente durante o Século XVIII, no Brasil somou-se ao Barroco na representação da temática religiosa, tendo em vista que, na Europa, o estilo Rococó se opôs ao Barroco, e era utilizado para fins da futilidade social.

Em seu artigo “A arte barroca do estado de Minas Gerais e da Bahia”, a pesquisadora contemporânea Ana Palmira Casimiro expressa a relação entre o Barroco e o Rococó de uma forma aprofundada e original, como um manifesto identitário e sociocultural: “acompanhando o padrão português, acontecia uma evolução/ transformação do estilo barroco para o chamado estilo rococó” (CASIMIRO, 2018, p. 4).

Esses símbolos se relacionam com as ideias representadas, do ponto de vista histórico e artístico, nas relações arquitetônicas entre os símbolos que se apresentam na igreja da Ordem Primeira do Carmo e se interligam em uma paisagem comunicativa visual. Esses símbolos, expostos nos seus traços em um aporte técnico estilístico, apropriam-se espontaneamente das manifestações estéticas barrocas e rococós, nas suas simetrias e curvas, e nas assimetrias e contracurvas.

Esta análise iconográfica é apresentada pela observação das formas que geram significados expressivos, por meio de suas interligações, no contexto de seu percurso entre tempo, espaço e arte. As etapas desse processo iconográfico acontecem mediante a sua descrição histórica e religiosa. Na análise iconográfica dos integrantes que compõem e deliberam interpretações descritivas, existe o tecer de conjuntos de mensagens que possibilitam a comunicação entre sociedade e significados, podendo ser detalhados nos valores históricos e artísticos que permeiam essas simbologias. “Iconografia é o ramo da História da Arte que trata do conteúdo temático ou significado das obras de arte, enquanto algo diferente da sua forma” (PANOFSKY, 1995, p. 19).

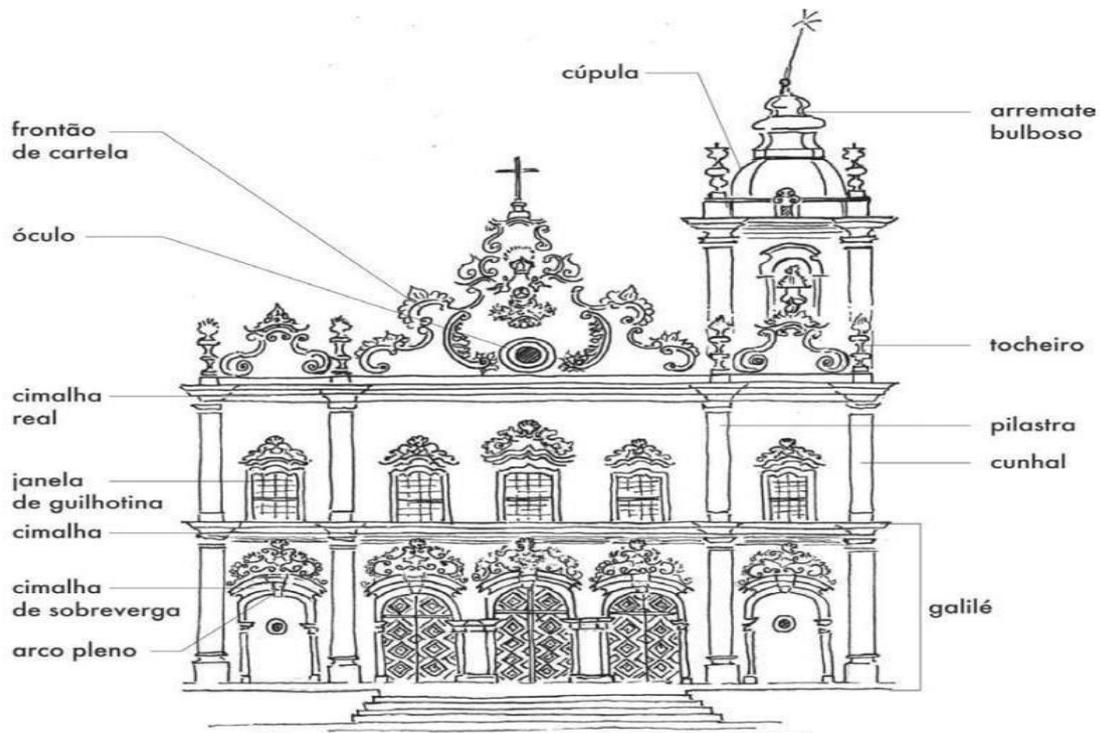
A análise dos símbolos e a leitura iconográfica de seus elementos não se restringem apenas ao que é apresentado; porém, identificam-nos, interpretam-nos com suas definições. Introduzidas nos símbolos religiosos que se encontram expostos na sua estruturação, evidenciam e refletem a formação histórica e religiosa da sociedade Cachoeirana, a qual possibilita o estreitamento das construções artísticas com a cultura popular, transmitindo mensagens coletivas.

O uso dessas imagens representativas que compõem o frontispício, no afã de analisá-las com seus significados expressivos e técnicos em formas, cores, linhas e volumes, permite compreender o propósito de criação e os seus valores. No descrever e interpretar os seus elementos, através das mensagens que são passadas, as conexões do olhar ativo condicionam a perceber o mundo interligando os elos, as formas e as expressões.

O livro “História, Arquitetura e Ornamentação”, de Santiago, Almeida Sant’Anna (2020), exemplifica o frontispício da Ordem Primeira do Carmo apresentando um desenho (Figura 36) executado por Antônio Wilson Silva de Souza. Os símbolos descritos nessa análise iconográfica comunicam-se e respondem a questionamentos através de seus

significados. E para analisá-los se faz necessário compreender a localização dos mesmos dentro do espaço. Esse desenho possibilita a compreensão do que será descrito abaixo:

Figura 36: Desenho da Fachada da Igreja Ordem Primeira do Carmo



Fonte: Santiago e Almeida (2020, p. 61).

Finalmente, a interpretação iconológica requer algo mais que a familiaridade com conceitos ou tema específicos transmitidos através de fontes literárias. Quando desejamos nos assenorear desses princípios básicos que norteiam a escolha e apresentação dos motivos, bem como da produção e interpretação de imagens, histórias e alegorias (PANOFSKY 2007, p. 62).

O desenho arquitetônico como metodologia evidencia no âmbito artístico, visual e espacial uma expressão original e própria em um processo de organização da autonomia visual histórica e crítica-social dos indivíduos para com a arquitetura exposta. A relevante função arquitetônica da igreja da Ordem Primeira do Carmo de Cachoeira emerge em um campo múltiplo, em que se abordam espaços e maneiras, como a cultura se torna visível e o visível se torna cultura, transformando-a em uma construção de possibilidades representativas através do olhar.

Propondo na arquitetura, no percurso histórico, nas características, métodos, registros e expressões uma origem comunicativa e estimativa da criação, apresentamos a

seguir uma análise esclarecedora dos elementos que povoam a memória visual da fachada da igreja da Ordem Primeira do Carmo, com seu desenho arquitetônico que gera significados.

Na busca de perceber o que cada desenho gera através de seu sentido existencial, aplicamos o método iconográfico para subsidiar este estudo. O método iconográfico foi sistematizado por Panofsky e se aplica conforme os níveis de significação, são eles: descrição pré-iconográfica, análise iconográfica e interpretação iconográfica. Esses níveis “se referem, na realidade, a aspectos de um só fenômeno, ou seja, a obra de arte como um todo” (PANOFSKY, 1995, p. 28). Assim, ainda que os objetos de análise sejam aqui tomados de modo didaticamente isolado, a análise prima pela visão de conjunto que sustenta o sentido e viabiliza a comunicação da mensagem por eles transmitida, postura que reforça e reflete o acolhimento do método de Panofsky.

4.2.1 As portas e janelas

A fachada expõe uma arcada de 5 arcos na galilé, com suas extremidades vedadas por paredes em concreto e ornamentadas por óculo. Suas três portas de madeira, traçadas com feição rococó, centralizadas e emolduradas com desenho piramidal, feitas com ferramentas mecânicas do período colonial, geram no espectador a ideia de movimento, mesmo estando estáticas. Estas portas (Figura 37) possuem na sua aduela a tarja de 1773, e obtêm a simbologia de conduzirem os fiéis para a passagem ao recinto sacro, apresentando ao espectador o acesso a Deus ao atravessá-las, desconectando-os do mundo exterior e assegurando-os debaixo de uma proteção que ideologicamente os levaria para o caminho da salvação. “Esta fachada ostenta a data de 1773, que está perfeitamente de acordo com o estilo rococó de sua decoração de estuque e de seu frontão. Sem dúvidas, essa data corresponde à conclusão dessa fachada” (CALDERÓN, 1976, p. 16).

Figura 37: Portas Centrais da Igreja da Ordem Primeira do Carmo



Fonte: Acervo pessoal da autora. Fotografia tirada em: 15-03-2021.

A integração entre os símbolos barroco e rococó nessa fachada marca a contribuição revitalizadora que se apresenta nas proporções da mesma. Na Figura 38 é possível visualizar a elevação de ornatos salientes, que adquirem efeitos curvilíneos se integrando à assimetria rococó e possuem em seu desenho uma concha que reafirma a presença desse traço estético. “Os concheados da exuberante decoração rococó da fachada da igreja do Carmo são valiosas amostras da arte da ornamentação em estuque que proliferou na Bahia, na segunda metade do século XVIII” (CALDERÓN 1976, p. 17).

Figura 38: Ornamentação das Janelas



Fonte: Acervo pessoal da autora. Fotografia tirada em: 15-03-2021.

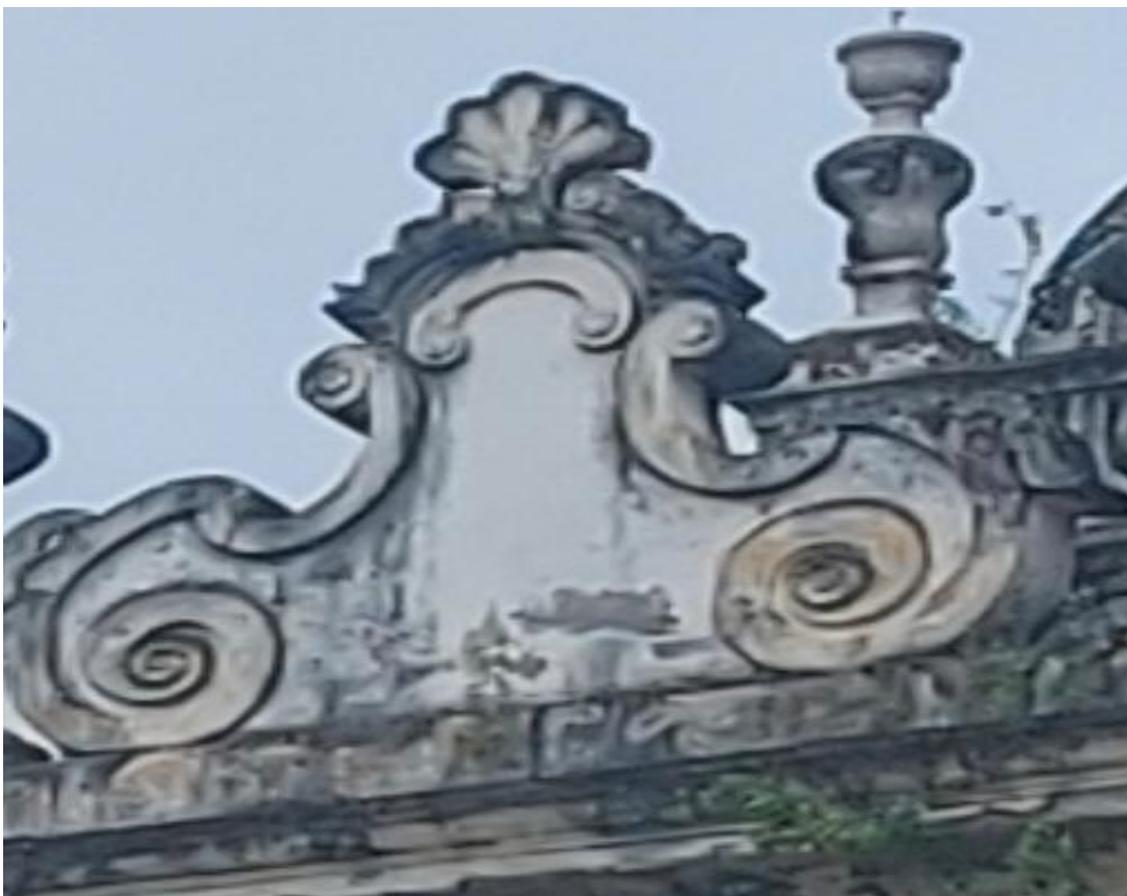
Esses concheados na argamassa encontram-se dotados de significados: a concha, biblicamente, é figurativa de uma sepultura fechada, a qual remete ao significado de que um dia o homem ressuscitará. A concha também pode significar o ato do renascimento espiritual ou da ressurreição.

4.2.2 As volutas

De modo geral, as volutas são elementos arquitetônicos ornamentais que acompanham a história e a tratadística da arquitetura desde seu período clássico. São elaborados a partir das espirais encontradas na natureza, elementos de compreensão matemática e geométrica bastante complexos, que são curvas que, começando de um ponto de origem, continuamente diminuem sua curvatura à medida que se afastam da origem; ou, em outras palavras, cujos raios de curvatura continuamente aumentam (THOMPSON, 1945, p. 748).

As volutas² (Figura 39), ornatos enrolados em espiral, estão nas extensões laterais e no frontão. Sugerem esplendor, contribuem para que o espectador possa observar melhor os detalhes que se apresentam na fachada em decorações arquitetônicas, e se caracterizam por serem símbolos do período barroco. Encontram-se em forma de espiral e se constituem como ornato no arremate das colunas em movimento de transgressão. “O artista procura evitar a todo custo que a composição pareça concebida para um plano determinado” (WOLFFLIN, 1984, p. 137).

Figura 39: Volutas da Igreja Ordem Primeira do Carmo



Fonte: Acervo pessoal da autora. Fotografia tirada em: 15-03-2021.

As volutas representam historicamente o contexto do desenho em processo evolutivo. Partindo de um ponto inicial e avançando em curvas, ganham um aspecto de

² A voluta é uma forma de ornamento em espiral, que há séculos vem sendo utilizada em exemplos aplicados na geometria, além de servir como objeto de adorno no arremate de colunas. É também um dos símbolos da arquitetura dos períodos Maneirista e Barroco.

pergaminho. Em grande proporção nessa fachada, elas se destacam em várias partes desse todo e podem ser vistas por diversos ângulos, tornando-as simétricas na fachada, mesmo encontrando-se em forma curvilínea.

4.2.3 O Frontão

O frontão³ (Figura 40) incorpora no seu eixo vertical o óculo como um vão de iluminação do coro do altar. Esse óculo está em proporção maior que os da galilé, podendo simbolizar o olho de Cristo estando em destaque no eixo central do frontão. Destacam-se na ornamentação folhas largas e flores, anjos, a coroa de Nossa Senhora do Carmo, curvas, a cruz e os tocheiros nas laterais. Esses são elementos que compõem e fomentam junto com a arquitetura da igreja a memória visual de quem os contempla. “Em contrapartida, o Barroco apresenta a tendência, não usa de reprimir esses elementos, mas de dissimular o seu contraste evidente” (WOLFFLIN, 1984, p. 137).

Figura 40: Frontão da Igreja da Ordem Primeira do Carmo



Fonte: Acervo pessoal da autora. Fotografia tirada em: 15-03-2021.

³ O frontão é um conjunto arquitetônico de forma triangular que ocorre normalmente no topo da fachada principal de um edifício, sendo construído por duas partes essenciais: a cimalha (base) e as empenas (dois lados que fecham o triângulo).

4.2.4 Anjos

O anjo representa também a inocência e bondade ressaltada em suas características estilísticas barrocas adornando essa Igreja e executando a função de propagar o juramento do compromisso de Cristo com a humanidade em haver a remissão após a morte. Isto se torna ainda mais evidente quando lembramos que a função de um símbolo é justamente revelar uma realidade total, inacessível aos outros meios de conhecimento (ELIADE, 1996, p. 177).

Os anjos (Figura 41), em conjunto com os outros elementos descritos, fazem parte da composição do escudo da Ordem Carmelitana. Esses anjos podem ser também denominados de querubins barrocos. As esculturas (um alto-relevo) de dois anjos em um aspecto bidimensional tornam-nos um desenho singular da arte colonial com finalidade simbólica de guardiões da missão divina e compõem o cenário desse frontispício com a feição humana, criando uma representação celestial no cenário terrestre.

Figura 41: Anjos da fachada da Igreja da Ordem Primeira do Carmo



Fonte: Acervo pessoal da autora. Fotografia tirada em: 15-03-2021.

Carregados de simbologias, com uma estética humanista nos aspectos físicos, e uma arquitetura de estilo predominantemente barroco com traços do rococó, esses anjos

se apresentam de corpo inteiro, sendo um atributo representativo barroco, haja vista que no rococó os anjos se apresentavam de forma alada.

Os anjos segundo a doutrina cristã, é um espírito celeste em 1 At.I O anjo de Iahweh no antigo testamento, conta sobre a forma mais primitiva da fé nos anjos a do mensageiro de Iahweh o qual aparece a Agar no deserto. (Gn 16,7 ss; 21,17ss).

Os anjos configuram a hoste de Deus, e se encontram velando sobre esta igreja e ocupando um lugar de centralização ao lado da coroa que faz referência a Nossa Senhora do Carmo. A presença desses anjos no frontispício os qualifica como guardiões e intermediários entre o divino e o terreno.

4.2.5 A Coroa

A coroa como símbolo da realeza, como sinal de festa, como ornamento de prazer e de graça se encontra desde as primeiras idades da geração humana. (...) A coroa é também sinal religioso; os sagrados escriptores estão repletos de alegorias onde a coroa é tomada como emblema de significações espirituais (MELLO, 1905, p. 7).

A coroa (Figura 42) encontra-se entre os anjos, em sua forma arredondada. Ao primeiro momento, poderia simbolizar a coroa imperial; porém, por se encontrar entre os anjos e na fachada de uma igreja carmelita, chega-se à conclusão de que faz alusão à coroa de Nossa Senhora do Carmo. A coroa é um símbolo tradicional do catolicismo e faz referência à Crucificação de Cristo, quando sobre a sua cabeça foi posta uma coroa de espinhos.

Na Bíblia, a coroa é sinal de honra, em Isaias se diz “Uma coroa de esplendor”, também em Pedro afirma que os presbíteros da comunidade receberão a imarcescível “coroa da gloria” (1 Ped. 5,4). “A quem for fiel até à morte dar-se-lhe- a “coroa da vida” (Apo 2, 10).

Figura 42: Coroa da Igreja da Ordem Primeira do Carmo



Fonte: Acervo pessoal da autora. Fotografia tirada em: 15-03-2021.

Decorrente da sua forma de uso, a coroa tem outras simbologias, como a superioridade que enaltece valores relacionados à nobreza. Essa coroa na fachada atribui-se simbolicamente ao esforço de Cristo na Crucificação e ao seu mérito de vencer a morte.

Como a igreja da Ordem Primeira do Carmo tem como seu ícone Nossa Senhora do Carmo, a coroa propaga nesse frontispício a devoção mariana estabelecida na cidade de Cachoeira e a coroa que Nossa Senhora carrega sobre sua cabeça. Biblicamente, a coroa significa glória, alegria, e é sinal da dignidade régia, sendo também por essa razão símbolo da honra.

4.2.6 A Palma

A Palmeira, considerada na Antiguidade como “árvore da vida” por sua resistência, traz em sua formação a folha nominada como palma. A palma (Figura 43) é conduzida tradicionalmente como símbolo da vitória, paz e vida eterna pelos cristãos, representa o triunfo do martírio de Cristo e a esperança entre a morte e o renascimento.

Figura 43: Palma: detalhe da fachada da Igreja da Ordem Primeira do Carmo



Fonte: Acervo pessoal da autora. Fotografia tirada em: 15-03-2021.

“No dia seguinte, a grande multidão que viera para a festa, sabendo que Jesus vinha a Jerusalém, tomou ramos de palmeira e saiu ao encontro, clamando: „Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor e o rei de Israel!” (JOÃO 12, 12-13). A antiga simbologia da palma, que se refere a vitória, ascensão, renascimento e imortalidade daí também a associação de fênix e palmeira.

A palma nessa fachada, em conjunto com os outros símbolos, caracteriza a singularidade das vitórias de Cristo em suas passagens que podem ser encontradas na Bíblia, trazendo em seus significados o fim dos conflitos e a pregação da paz. A palma também se correlaciona com a entrada triunfal de Cristo em Jerusalém.

4.2.7 As Flores

Símbolo da beleza e graça terrenas, as flores (Figura 44) são sinais do princípio. Ornato arquitetônico em forma circular com folhagens que adornam o arco apontado na abóbada, as flores se encontram no rematar do frontão. São João da Cruz, Santo Carmelita, entendeu as flores como imagem das virtudes da alma e os ramalhetes como sinal da perfeição espiritual. “A tenda do justo florescerá” (PROVÉRBIOS 14, 11). Florescer quer dizer: produzir, distinguir-se, prosperar, ter um bom nome, ter sucesso, felicidade, paz, alegria e vitória. Todas essas coisas são como flores que devem crescer no jardim da nossa vida.

Figura 44: Flores: detalhes da fachada da Igreja da Ordem Primeira do Carmo



Fonte: Acervo pessoal da autora. Fotografia tirada em: 15-03-2021.

Estando na parte inferior da palma, as flores surgem iconograficamente em um todo, não estando individualizada, compondo essa decoração através do seu espaço no frontão, e a sua figura remete à simbologia da terra, tendo em vista que é o local onde a mesma desabrocha.

As flores enfatizam o estilo barroco em seu contraste, tendo papel de destaque nessa fachada, contribuindo com a ornamentação. As flores se dispõem no adorno do frontão simbolizando o florescimento espiritual e sua renovação no ciclo da vida. Com

aparência de um lírio esplêndido, traz consigo a linguagem simbólica cristã, associando-se à vinda do Salvador e à Virgem Maria com sua pureza, provocando vários sentimentos.

4.2.8 O Tocheiro

Os tocheiros que compõem a fachada e podem ser vistos acima do frontão simbolizam a purificação pela iluminação e referenciam nessa imagem o local onde eram colocadas as tochas. Estes tocheiros podem ser visualizados de vários ângulos nessa fachada.

Em fluidez de movimento e em sua forma decorativa robusta, dividida em três partes em sua disposição simétrica em vertical, características do estilo predominante barroco, é um adorno em requinte escultural simples que compõe o frontão. Os tocheiros serviam como suporte para as velas do Círio Pascal, simbolizando a luz de Cristo, representação da verdade entrelaçada ao poder do sol. Haja vista que na sua parte superior o tocheiro (Figura 45) traz uma imagem que remete ao fogo, faz analogia à luz, compondo em ornamentado o frontispício.

Os tocheiros também fazem parte da arte sacra como objeto religioso, e estão presentes nas procissões e atos fúnebres, carregando consigo características na sua estrutura em forma e detrimento da fé, através de Cristo sendo a Luz.

Figura 45: Tocheiro: detalhe da fachada da Igreja da Ordem Primeira do Carmo



Fonte: Acervo pessoal da autora. Fotografia tirada em: 15-03-2021.

4.2.9 A Cruz

A experiência de crise aqui é a crucifixação como desmentido das expectativas ligadas a Jesus. As aparições pascaís permitiram transformar essa derrota numa vitória do exaltado sobre seus juízes e sobre o mundo. O profundo rebaixamento só podia ser equilibrado mediante uma elevação que a tudo superasse. Por meio da elevação do crucificado ao status divino, superou-se a dissonância da cruz (THEISSEN, 2009, p. 70).

A cruz (Figura 46) latina de madeira, em seu formato vertical mais comprido do que o horizontal, está localizada na centralização do frontão, reproduzindo visivelmente um indivíduo de braços abertos. Transmite, em primeiro momento, a crucifixação de Cristo e o seu sacrifício e suplício pela salvação da humanidade. No segundo momento, enseja a sua Ressurreição e a vitória sobre a morte.

Figura 46: Cruz da Igreja da Ordem Primeira do Carmo



Fonte: Acervo pessoal da autora. Fotografia tirada em: 15-03-2021.

Em uma comunicação perceptiva com os espectadores, encontra-se no plano mais elevado dessa fachada, e traz consigo a analogia cultural e religiosa que é utilizada muitas vezes como amuleto de proteção. A cruz é um símbolo fundamental da religião cristã católica, que agrega valores e sentidos à história da humanidade.

A cruz a todo momento é retratada como assunto fundamental pela Bíblia. A estruturação da mesma nesse frontispício, por se encontrar em madeira, assume o valor simbólico de árvore da vida, representada no madeiro da Cruz. O madeiro se tornou sagrado, pois foi nele que Cristo derramou seu sangue em sacrifício.

Toda a Literatura e a arte medieval mostram que, segundo a fé cristã, a cruz histórica continua a agir soteriologicamente como um sinal da presença salvífica e escatologicamente como sinal da esperança salvífica. A cruz, representada vicária e representativamente por Cristo como o Senhor ressuscitado e exaltado... (MANFRED, 1993, p.76).

4.2.10 As Curvas em C

As formas curvilíneas em C (Figura 47) nessa fachada ganham grandes proporções nos adornos, conferindo o dinamismo de movimento que representa o estilo barroco em seu conjunto de magnitude em correspondência estética. Esse dinamismo se estende nas medidas dos ângulos e só é perceptível através do olhar para a amplitude da Igreja.

As curvas e contracurvas embelezam vários pontos espaciais nessa fachada, provocando um dinamismo tal que o espectador não consegue manter seu olhar parado em um ponto. Integram-se na estrutura arquitetônica, através das linhas assimétricas em formatos convexos e realçam os elementos barrocos em formato irregular, realçando formas a tudo que se encontra exposto.

Figura 47: Curvas em C na fachada da Igreja da Ordem Primeira do Carmo



Fonte: Acervo pessoal da autora. Fotografia tirada em: 15-03-2021.

Os arcos que ligam uma coluna a outra, ou um pilar a outro pilar, já não se limitam, como no passado, às formas semicirculares (de volta

perfeita), antes se tornando frequentemente elípticos, ovais e, sobretudo, de dupla curvatura: isto é, não só descrevem uma curva quando vistos de frente – e esta é uma particularidade do arco -, como também quando vistos do alto – e isto acontece quase somente na época barroca (CONTI, 1984, p. 21).

Essas formas podem ser encontradas em vários pontos do frontispício, designando o eterno retorno que é apregoado em todo momento nesta análise. Na repetição das curvas, apresenta-se o ciclo da evolução humana. Os símbolos descritos mediam os significados, designando o ponto de encontro entre a lógica e o figurativo em uma construção unitária, articulando-se entre a história, a religião, a arte e a sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização do método iconográfico de Panofsky possibilitou o estudo da igreja da Ordem Primeira do Carmo, expondo o seu processo interpretativo e a relação desses símbolos com a história e a religião, apresentando com relevância a compreensão de seus significados. Esta análise iconográfica descritiva permitiu identificar no percurso histórico e simbólico da igreja da Ordem Primeira do Carmo a interpretação da mensagem e seus significados expressos na emblemática igreja.

A partir da articulação dos símbolos que formalizam a igreja da Ordem Primeira do Carmo de Cachoeira, é possível o esclarecimento expressivo de seus significados através da análise iconográfica. Assim, justifica-se ter sido tomado como base metodológica do presente estudo, e destaca a singularidade desse frontispício secular.

A interpretação deste estudo amplifica o campo iconográfico da formação histórica, artística e cultural do frontispício da igreja da Ordem Primeira do Carmo de Cachoeira, centralizando o interesse no significado de sua criação. Atribuímos neste estudo à igreja o papel de fonte histórica que transcende as formas e aparências expostas na indagação do contexto no qual se encontra introduzida.

Através dos símbolos apresentados, vinculou-se o sinal do visível com o imperceptível na transcendência decorrente da fé. A fé se tornou o sinal de referência religiosa, e a arte a referência simbólica da cultura histórica de uma sociedade, respeitando-se e entrelaçando-se a realidade da compreensão social.

A linguagem simbólica e a linguagem religiosa que se encontram no frontispício da igreja da Ordem Primeira do Carmo de Cachoeira revelam a estreita ligação entre a história, a arte e a religião. Este estudo, portanto, testemunha de forma visível o que é apregoadado pelo catolicismo em defesa e exaltação da fé cristã.

No processo deste estudo foram apresentadas características descritivas nos aspectos históricos, artísticos, religiosos e iconográficos no que tange à análise dos símbolos da igreja da Ordem Primeira do Carmo de Cachoeira. Oferecer informações precisas do campo epistemológico interdisciplinar possibilitou a compreensão referencial dos valores que enriquecem os saberes históricos, culturais, artísticos e religiosos da sociedade Cachoeirana. Este estudo estaria incompleto se não partíssemos do contexto histórico da cidade na qual a Igreja do Carmo de Cachoeira encontra-se edificada.

A rica e influenciadora história da Cidade de Cachoeira perpassa por guerras, elevações, ascensões e declínios desde os seus primórdios que se configuram a partir do Século XVI. Enlaçar a História de Cachoeira com o princípio da colonização no Recôncavo da Bahia e a catequização das almas além-mar em proveito da propagação da fé possibilitou a construção de uma ponte que interligou a religião católica e a sua consolidação na cidade de Cachoeira no exercício do papel missionário, histórico e artístico, que se perpetua até os dias contemporâneos.

Compreender o trajeto percorrido historicamente pelos Eremitas Carmelitas até sua chegada na cidade de Cachoeira afluou a necessidade de investigar os primeiros passos e o real objetivo que os trazia para essa jornada de amor e dedicação ao sagrado, concluindo assim, nesse itinerário, uma colheita de irmãos para compor um só corpo, que é o de Cristo.

Importa saber neste estudo que a Ordem Carmelita possui ícones que compõem toda a sua estruturação, tanto como uma Ordem religiosa, com seus fundadores e membros, quanto com seus santos que fizeram parte de sua fundação e passaram por processos que os tornaram diferentes em virtudes dos que são caracterizados como fieis, atraindo para si a devoção de viver uma vida em consagração, inspirando-se neles e acreditando na interligação dos mesmos com Cristo.

A seleção de ícones feita neste estudo utilizou a linguagem iconográfica, incluindo a imagem dos ícones e sua importância para a formação histórica e documental da representação Carmelita. Nesta análise, deu-se ênfase ao papel dos mesmos na construção

do Carmelo, priorizando-se os fatores históricos, os prodígios e a imagem desses ícones para a afirmação do Carmelo como Ordem.

Detalhar a instalação da Ordem Carmelita em Cachoeira e a sua importância na construção social do município evidenciou as relações significativas da imponente riqueza cultural e religiosa que a Ordem encaminhou através da sua edificação na cidade, contribuindo assim para o processo formativo histórico, religioso e artístico através da sua edificação como templo.

Buscamos servir à práxis de apresentar dados mais precisos sobre a iconografia do frontispício da Igreja da Ordem Primeira do Carmo de Cachoeira, nesse contexto histórico, artístico e religioso, aproximando o observador do significado simbólico carmelita, corroborando com sua capacidade de ver e entender o que é visto através de seus significados, atrelando a uma memória visual atemporal que a cidade proporciona a seus residentes e visitantes.

A questão norteadora deste estudo, a saber: de que maneira o desenho do frontispício da igreja da Ordem Primeira do Carmo de Cachoeira contribui para a construção histórica e religiosa da cidade? encontra-se respondida dentro de todo o percurso histórico, religioso e iconográfico deste estudo. Precisamente no contexto histórico, o estudo contribui com a visão estrutural urbanística da cidade que ainda se encontrava em processo de expansão e, quando os Carmelitas se estabeleceram, começaram a cooperar nos fatos históricos que são narrados pela cidade.

A catequização aos índios Tupinambás que se encontravam no Recôncavo ajudou na conquista desse Território, demarcando o seu espaço com a estruturação da igreja da Ordem Primeira do Carmo, o convento e, logo após, a Igreja da Ordem Terceira do Carmo. Inclusive, a Independência do Brasil que se iniciou na cidade de Cachoeira teve a sua participação, pois os Carmelitas já faziam parte da comunidade local, constituindo assim a Igreja como local de refúgio.

No aspecto que tange à contribuição religiosa e iconográfica do estudo, a resposta encontra-se na análise feita seguindo o método de Panofsky, entrelaçando a religião ao valor simbólico de cada elemento que compõe aquele frontispício, os quais, com seus valores históricos, artísticos e religiosos, contribuem não só na construção histórica da cidade de Cachoeira, mas no fator histórico e religioso da humanidade.

A mensagem direcionada ao espectador se relaciona socialmente com a história da religiosidade humana, detendo nos detalhes os discursos simbólicos e ornamentais que

se entrelaçam com a historicidade cultural da cidade, tendo em vista o discurso histórico e religioso que é apregoado nesse frontispício. A ressurreição de Cristo, que se torna caracterizada pela tradução das mensagens dos símbolos, perpetua-se na devoção cultural Carmelitana na contemporaneidade. Os carmelitas, portanto, exercem um papel fundamental na construção identitária da cidade de Cachoeira.

Conhecer sobre todo esse percurso se faz importante para que a sociedade cachoeirana compreenda os elementos que formam a própria cultura, partindo do entendimento sobre o valor histórico, a influência religiosa e a identificação do que foi passado e ainda se encontra presente. Isso faz saber que somos resultados de um processo histórico cultural que se perpetua pelos séculos, e que nosso entorno também faz parte desse percurso, podendo nos narrar o que não vivemos.

Além de ser respondido o questionamento feito por este estudo, pode-se identificar que o frontispício da igreja da Ordem Primeira do Carmo de Cachoeira possui seu estilo arquitetônico híbrido, composto por predominância do Barroco com traços do Rococó, algo inédito comprovado neste estudo. É sabido que no período colonial a temática da paixão de Cristo e a sua ressurreição se torna salientada em valorização da religiosidade implícita no discurso iconográfico católico, e o estilo Rococó que sucedeu o Barroco chega ao Brasil para os fins religiosos.

Salientamos que a igreja da Ordem Primeira do Carmo de Cachoeira iniciou sua fundação ainda no Século XVII e findou no Século XVIII permeando seu estilo no cruzamento do Barroco com Rococó. Esse hibridismo gera o afloramento expressivo das épocas de ascensão tanto do Barroco como do Rococó em uma transição de movimentos artísticos seculares que inserem nos valores históricos o que era conceitual no período, em uma relação de tempo e espaço.

Considerando os resultados aqui apresentados, obtivemos uma análise satisfatória em decorrência da pesquisa, permitindo a sua conclusão com clareza e objetividade.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Magnair Santos. Cachoeira: ponto de confluência do Recôncavo Baiano. In: BAHIA. Festa da Boa Morte. Governo do Estado. Secretaria de Cultura. **Cadernos do IPAC**. Salvador: IPAC, 2010.
- BAYÓN, Balbino Velasco. **História da Ordem do Carmo em Portugal**. Lisboa: Paulinas, 2001
- BAZIN, Germain. **Barroco e Rococó**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- CNBB. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **Bíblia**, 2008.
- BRASIL. Diário Oficial da União. **Decreto Nº 68045**. Seção 1. 13/01/1971, p. 259.
- CACHOEIRA. **Lei nº 730/2006 de 10.10.2006**. Plano Diretor Participativo do Município de Cachoeira, 2006.
- CACHOEIRA. **Folder Cachoeira**. Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Cachoeira, BA: Artemapas, S/D.
- CACHOEIRA. **Termos de arrematação de obras da Cachoeira 1758/1781**, 1758.
- CALDERÓN, Valentim. **A Venerável Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira**. Salvador: Universitas, n. 11, p. 149-172, set./dez. 1971.
- CALDERÓN, Valentim. **O Convento e a Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira**. Salvador: UFBA, 1976.
- CAMPELLO, Glauco. **O Brilho da Simplicidade**. Rio de Janeiro: Casa das Palavras, 2001.
- CAMPOS, A. A. **A ordem Carmelita**. Per Musi, Belo Horizonte, n.24, 2011.
- CASIMIRO, A. P. B. S. **Economia Cristã dos Senhores no Governo dos Escravos:** uma proposta pedagógica jesuítica no Brasil colonial. 2002. Tese (Doutorado em Educação): Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.
- CASIMIRO, A. P. B. S. **Mentalidade e estética na Bahia colonial:** a venerável Ordem Terceira de São Francisco de Assis na Bahia e o frontispício de sua igreja. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, EGBA, 1996.
- CASIMIRO, A. P. B. S. **A Procissão de Cinza dos Terceiros Franciscanos da Bahia:** uma expressão religiosa, pedagógica e barroca no mundo colonial. Campinas: Editora Librum, 2012.
- CASTRO, Armando Alexandre. O patrimônio histórico-cultural e o turismo na Cidade Heróica de Cachoeira-BA: potencialidade x realidade. **Interações**, Campo Grande, MS,

v. 7, n. 11, set., p. 113-119, 2005. Disponível em:

<http://www.interacoes.ucdb.br/article/view/503/547>. Acesso em: 10 set. 2019.

CONTI, Flavio. **Como reconhecer a arte Barroca**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1984. p. 21.

COSTA, F. A. Pereira da. **A ordem carmelitana em Pernambuco**. Recife: Arquivo Público Estadual, 1976.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos** – ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. **Igrejas e Conventos da Bahia**. (Roteiros do Patrimônio; vol. 9, t. 3). Brasília, DF: IPHAN/ Programa Monumenta, 2010.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. **O Conjunto do Carmo de Cachoeira**. Brasília: IPHAN/ Programa Monumenta, 2007.

JOLY, Martine. **A Imagem e a sua interpretação**. 1 ed. Lisboa: Edições 70, 2002.

LEONARDINI, Nanda; BORDA, Patrícia. *Diccionario iconografico religioso peruano*. Lima: Rubican Editores, 1996.

MATTOS, Waldemar. **Os Carmelitas descalços na Bahia**. Universidade de Indiana 1964. p. 6.

MELLO, Monsenhor José Marcondes Homem de. **Coração de Nossa Senhora Aparecida a 8 de Setembro de 1904**. São Paulo: Duprat e Comp., 1985. p. 7.

MENDONÇA, Nívea Maria Leite. **Os preparativos para uma Boa Morte entre osterceiros Carmelitas**. 2015. p. 6 (Apresentação de Trabalho/Simpósio).

MILTON, Aristides. **Ephemerides cachoeiranas**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1979. v. 1. (Col. Cachoeira).

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 7 ed. São Paulo: Vozes, 1997.

MANFRED, Lurker. **Dicionário de figuras e símbolos bíblicos**. São Paulo: Paulus, 1993.

OTT, Carlos. **Atividade artística da Ordem 3ª do Convento do Carmo da Cidade da Bahia e de Cachoeira – 1540-1900**. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo/Fundação Cultural/EGBA, 1977.

PANOFSKY, Erwin. **Estudos de Iconologia: temas humanísticos na arte do renascimento**. 2ª edição. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

PANOFSKY, Erwin. A história da teoria das proporções humanas como reflexo da história dos estilos. In: PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Ed. Perspectiva S. A., 2009.

PANOFSKY, Erwin. **O significado das Artes Visuais**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

PRAT, Frei André Maria. **O Convento, A Igreja e a História dos Religiosos Carmelitas da Bahia**. Salvador: 1964.

PEDRAS, Beatriz Junqueira. **Uma leitura do I Livro do Tombo do Convento do Carmo de Salvador**: contribuição à construção histórica da ordem dos carmelitas na Bahia-colônia. Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação de Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2000. Dissertação (Mestrado em ciência da informação).

ROCHA, Uelton Freitas. **“Recôncavas” fortunas**: a dinâmica da riqueza no Recôncavo da Bahia (Cachoeira, 1834-1889). (226 f.) 2015. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2015.

SANTANA, Gilson Sacramento. **O Conjunto do Carmo de Cachoeira**: um estudo da relação entre monumento e cidade. (23f.). 2012. Dissertação (Graduação) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2012.

SANTIAGO, C. F. G.; ALMEIDA, R. Moreira; SANT’ANNA, M. **As Igrejas de Cachoeira**: história, arquitetura e ornamentação. Belo Horizonte: Clio Gestão Cultural e Editora, 2020. p. 61.

SANTOS, Keila Reis. **Potencialidades educativas de Cachoeira-BA**: pensando Cachoeira como Cidade Educadora. (64f.). 2019. Dissertação (Graduação) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2019.

SMITH, Robert. **As artes na Bahia**: arquitetura colonial. Salvador: Prefeitura Municipal do Salvador, 1954.

THEISSEN, Gerd. **A religião dos primeiros cristãos**: uma teoria do cristianismo primitivo. São Paulo: Paulinas, 2009.

THOMPSON, D’Arcy Wentworth. *On growth and form*. Nova York: Macmillan Company, 1945. 1116 p.

UFBA. **Introdução ao estudo da evolução urbana**: plano urbanístico de Cachoeira. UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. (UFBA; IPHAN). Salvador: Centro de Estudos de Arquitetura da Bahia, 1976.

UNESCO (1971). **Cachoeira Monumento Nacional**. decreto Lei nº 68.045, de 13/01/1971.

WERMERS, Emmanuel Maria. **A Ordem Carmelita e o Carmo em Portugal**. União Gráfica, 1963.

WOLFFLIN, Heinrich. **Conceitos Fundamentais da História da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1984 [original: 1915].